

LEWIS CARROLL

Alice no País das Maravilhas



L&PM POCKET



LEWIS CARROLL

Alice no País das
Maravilhas



L&PM POCKET

Lewis Carroll

ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS

Tradução de ROSAURA EICHENBERG

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

*J*untos na tarde dourada
Suavemente a deslizar,
Nossos remos, sem destreza,
Dois bracinhos a manejar;
Pequeninas mãos que fingem
Nossa direção guiar.

As Três cruéis! Nesta hora,
Sob este sonho de tempo,
Implorarem por histórias
Com o mínimo de alento!
Mas que pode a pobre voz
Contra três línguas sedentas?

Proclama Prima o edito
“Comece!”, diz sobranceira.
Mais gentil, Secunda espera:
“Que não contenha asneira!”
Tertia a cada minuto
Detém o conto, faceira.

E de repente o silêncio,
Com os passos da ilusão
Perseguem a criança-sonho
Pelas terras da invenção,
Falando a seres bizarros...
Uma verdade, outra não.

E assim que a história secava
As fontes da fantasia,
Em vão tentava o cansado
Desfazer o que tecia,
“Mais, só depois...” “É depois!”
Gritavam com alegria.

Forjou-se assim, lentamente,
O País das Maravilhas,
Está pronto, para a casa
Já foi virada a quilha
Pela alegre equipagem

Sob um sol que já não brilha.

*Com mão gentil, entre os sonhos,
Alice! Guarda este conto
Na memória da infância,
Sob seu místico manto,
Grinalda que um peregrino
Colheu em terras de encanto.*

Prefácio à edição de 1886

Como Alice está prestes a ser encenada, e como os versos de “É a voz da Lagosta” foram considerados demasiado desconexos para fins dramáticos, quatro versos foram acrescentados à primeira estrofe e seis à segunda, enquanto a Ostra foi transformada numa Pantera.

Natal de 1886



Prefácio à edição de 1897

Tenho recebido tantas perguntas sobre qual seria uma possível resposta para a Charada do Chapeleiro (vide capítulo VII) que acho melhor deixar aqui registrado o que me parece ser uma resposta bastante apropriada. “Porque o corvo, como a escrivanhinha, pode produzir algumas notas, embora sejam muito chatas, e nunca pode ser virado de trás para frente!”^[1] Mas isso é apenas uma ideia que me ocorreu mais tarde. A Charada, como foi originalmente inventada, não tinha resposta.

Para esta edição de 1897, novos eletrótipos foram tirados dos blocos xilográficos (que, nunca tendo sido usados para impressão, estão em tão boas condições como quando foram primeiro talhados em 1865), e todo o livro tornou a ser composto com novos tipos. Se as qualidades artísticas desta reedição ficarem aquém, sob qualquer aspecto, das apresentadas pela edição original, não será por falta de esforços da parte do autor, editor ou impressor.

Aproveito a oportunidade para anunciar que o exemplar da Alice em versos, até o momento vendido por quatro xelins, pode ser agora adquirido, com as mesmas características, como um livro de gravura de um xelim – embora eu tenha certeza de que é, sob todos os aspectos (exceto o do próprio texto, sobre o qual não me cabe opinar) muito superior a esses livros. Quatro xelins era um preço perfeitamente razoável, levando em conta a despesa inicial muito alta que tive de fazer. Ainda assim, como o público tem praticamente dito “Não daremos mais que um xelim por um livro de gravuras, por mais artístico que seja”, aceito contabilizar a minha despesa como prejuízo, pois a deixar que os pequenos, para quem a obra foi escrita, fiquem sem o livro, prefiro vendê-lo por um preço que é, para mim, quase o mesmo que distribuí-lo de graça.

Natal de 1896

Capítulo I
DESCENDO PELA TOCA DO COELHO



Alice estava começando a se cansar de ficar sentada ao lado da irmã à beira do lago, sem ter nada para fazer: uma ou duas vezes ela tinha espiado no livro que a irmã estava lendo, mas o livro não tinha desenhos, nem diálogos. “E de que serve um livro”, pensou Alice, “sem desenhos ou diálogos?”

Assim ela ficou pensando consigo mesma (da melhor maneira possível, pois o dia quente a fazia se sentir muito sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer uma corrente de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as margaridas, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Não havia nada de *muito* extraordinário nisso. Nem Alice achou assim *tão* estranho escutar o Coelho dizer para si mesmo: “Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Vou chegar tarde!” (Quando ela refletiu mais tarde a respeito, ocorreu-lhe que deveria ter se admirado disso, mas no momento tudo lhe pareceu bem natural.) Mas quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, deu uma olhada no mostrador e seguiu adiante apressado, Alice levantou-se num átimo, pois lhe passou pela cabeça que nunca tinha visto um coelho com bolso no colete, nem com um relógio para tirar do bolso, e, ardendo de curiosidade, correu pelo campo atrás dele, chegando bem a tempo de vê-lo sumir numa grande toca embaixo da cerca viva.

No momento seguinte, lá entrou Alice atrás do coelho, sem sequer pensar como é que iria sair da toca de novo.

A toca continuava reta como um túnel por algum tempo e depois afundava de repente, tão de repente que Alice não teve como pensar em parar antes de começar a cair no que parecia ser um poço muito profundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela estava caindo muito devagar, pois teve bastante tempo para olhar ao redor enquanto caía e para se perguntar o que iria acontecer a seguir. Primeiro, tentou olhar para baixo e descobrir onde ia chegar, mas estava escuro demais para ver alguma coisa. Depois olhou para as paredes do poço e notou que estavam cobertas de guarda louças e prateleiras de livros. Aqui e ali viu mapas e desenhos pendurados em pregos. Pegou um pote de uma das prateleiras ao passar. Trazia uma etiqueta com as palavras “GELEIA DE LARANJA”, mas, para sua grande decepção, estava vazio. Ela não queria deixar cair o pote, pois tinha medo de matar alguém lá embaixo, por isso deu um jeito de colocá-lo num dos guarda-louças, enquanto continuava a cair.

“Bem!”, pensou Alice consigo mesma. “Depois de uma queda dessas, não vou achar nada demais em levar um tombo escada abaixo! Como todos lá em casa vão me achar corajosa! Ora, eu não abriria a boca nem que caísse do telhado!” (O que era provavelmente verdade.)

Para baixo, para baixo, para baixo. A queda *nunca* ia chegar ao fim? “Gostaria de saber quantos quilômetros já caí a essa altura”, disse em voz alta. “Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso seria seis mil e quinhentos quilômetros para baixo, acho...” (pois, sabem, Alice aprendera muitas dessas coisas nas aulas da escola, e embora não fosse uma oportunidade *muito* boa de exhibir os seus conhecimentos, pois não havia ninguém para escutar, ainda era uma boa prática repetir a lição) “...sim, é mais ou menos essa distância... mas aí eu me pergunto em que Latitude ou Longitude estou agora.” (Alice não tinha a menor ideia do que era Latitude, nem Longitude, mas achava que eram palavras muito imponentes para dizer.)

Depois começou de novo. “E se eu *atravessar* a Terra inteira! Como não vou parecer engraçada saindo entre as pessoas que caminham com as cabeças para baixo! As antipatias, acho...” (desta vez ela ficou bem alegre que não *havia* ninguém escutando, pois a palavra não parecia nem um pouco certa) “...mas vou ter de lhes perguntar qual é o nome do país. Por favor, minha senhora, esta é a Nova Zelândia? Ou a Austrália?” (e ela tentou fazer uma medida enquanto falava – imaginem, *fazer uma medida* enquanto se está caindo pelo ar! Vocês acham que conseguiriam fazer?) “E como vai me achar uma menina ignorante por fazer essas perguntas! Não, não vai dar para perguntar. Eu talvez veja o nome escrito em algum lugar.”

Para baixo, para baixo, para baixo. Não havia nada mais para fazer, por isso Alice logo começou a falar de novo. “Acho que Dinah

vai sentir a minha falta hoje à noite.” (Dinah era a gata.) “Espero que se lembrem do seu pires de leite na hora do chá. Dinah, minha querida! Gostaria que estivesse aqui comigo! Não há camundongos no ar, infelizmente, mas você poderia pegar um morcego, e morcegos são muito parecidos com camundongos, sabe. Mas será que gatos comem morcegos?” E nesse momento Alice começou a ficar com sono, e continuou a falar consigo mesma, meio que sonhando: “Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?”, e às vezes: “Morcegos comem gatos?”, pois, sabem, como ela não sabia a resposta para nenhuma das perguntas, tanto fazia a ordem que lhes dava. Sentiu que estava cochilando, e mal começara a sonhar que caminhava de mãos dadas com Dinah e lhe dizia muito séria: “Agora, Dinah, diga-me a verdade: você já comeu um morcego?”, quando, de repente, pam! pam! caiu em cima de um monte de galhos e folhas secas, e a queda chegou ao fim.

Alice não ficou nem um pouco machucada e levantou-se num segundo. Olhou para cima, mas estava tudo escuro no alto. À sua frente havia outra longa passagem, e o Coelho Branco ainda estava à vista, atravessando-a apressado. Não havia um minuto a perder. Alice disparou como o vento, ainda bem a tempo de escutá-lo dizer, enquanto virava uma esquina: “Ai, as minhas orelhas e os meus bigodes, é tarde!”. Ela estava bem atrás dele antes de virar a esquina, mas depois já não havia nem sombra do Coelho. Viu-se num saguão longo e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto.

Havia portas ao redor de todo o saguão, mas estavam todas trancadas. E depois que Alice percorreu todo o saguão de um lado para o outro, tentando abrir cada uma das portas, caminhou tristemente para o meio da sala, perguntando-se como é que iria sair dali.

De repente, viu-se diante de uma mesinha de três pés, toda feita de vidro maciço. Não havia nada sobre a mesa exceto uma diminuta chave de ouro, e a primeira ideia de Alice foi que talvez pertencesse a uma das portas no saguão. Mas, ai! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, o certo é que não abria nenhuma das portas. Entretanto, na sua segunda tentativa, descobriu uma cortina baixa que não tinha notado antes, e atrás da cortina havia uma portinha de uns quarenta centímetros de altura. Ela tentou enfiar a chavinha de ouro na fechadura e, para sua grande alegria, serviu!

Alice abriu a porta e descobriu que ela dava para um pequeno corredor, não muito maior que um buraco de rato. Ajoelhou-se e contemplou pelo corredor o jardim mais encantador que já tinha visto. Como ela queria sair daquele saguão escuro e passear entre as fontes tranquilas e os canteiros de flores coloridas, mas não conseguia passar nem a cabeça pelo vão da porta. “E mesmo que a cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “não serviria para muita coisa sem os ombros. Oh, como eu queria me fechar como um telescópio! Acho que conseguiria, se apenas soubesse como começar.” Pois, vejam, tantas coisas estranhas tinham acontecido nas últimas horas que Alice começava a pensar que bem poucas coisas eram realmente impossíveis.

Não adiantava nada ficar esperando perto da portinha, por isso ela voltou para a mesa, meio que esperando encontrar outra chave ou, pelo menos, um manual para fechar as pessoas como telescópios. Desta vez, encontrou uma garrafinha sobre a mesa (“que certamente não estava aqui antes”, disse Alice) e, amarrada no gargalo da garrafa, havia uma etiqueta com as palavras “BEBA-ME” belamente impressas em letras grandes.

As letras podiam dizer “Beba-me”, mas a sábia pequena Alice não ia fazer isso sem pensar duas vezes. “Não, vou olhar primeiro”, disse

ela, “para ver se não está escrito ‘veneno’ em algum lugar”. Pois ela tinha lido várias histórias excelentes sobre crianças que foram queimadas ou devoradas por animais selvagens, além de outras coisas desagradáveis, tudo porque *não se lembraram* das regras simples que os amigos lhes tinham ensinado, tais como: um atizador vermelho de tão quente vai queimar a sua mão, se você o segurar por muito tempo; e se fizer um corte *muito* profundo no dedo com uma faca, em geral sangra bastante. E ela nunca esquecera que se alguém bebe muito de uma garrafa marcada com a palavra “veneno”, é quase certo que vai passar mal mais cedo ou mais tarde.

Entretanto, esta garrafa *não* estava marcada “veneno”, por isso Alice se arriscou a provar. E achando o gosto muito bom (tinha na verdade um sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga), ela logo bebeu tudo.

“Que sensação esquisita!”, disse Alice. “Devo estar me fechando como um telescópio!”

E certamente estava: tinha agora apenas vinte e cinco centímetros de altura, e o rosto se abriu num sorriso ao pensar que agora tinha o tamanho exato para passar por aquela portinha e entrar no jardim encantador. Mas, primeiro, esperou alguns minutos para ver se não ia encolher ainda mais. Ela estava um pouco nervosa a respeito disso, “pois podia acontecer, sabe”, disse Alice para si mesma, “que eu sumisse completamente, como uma vela. E o que eu seria então?” E ela tentou imaginar com o que se parece a chama de uma vela depois de apagada, pois não conseguia se lembrar de jamais ter visto uma coisa dessas.

Depois de um tempo, vendo que nada mais acontecia, decidiu entrar logo no jardim. Mas aí, pobre Alice!, quando chegou junto à

porta, viu que tinha esquecido a chavinha de ouro, e quando voltou à mesa para pegá-la, descobriu que não conseguia alcançá-la. Podia ver a chavinha bem claramente pelo vidro, e fez todas as tentativas para escalar um dos pés da mesa, mas era escorregadio demais. E quando se cansou de tentar, a coitadinha se sentou e chorou.

“Vamos, não adianta chorar desse jeito!”, disse Alice para si mesma num tom um pouco ríspido. “Eu a aconselho a sair daqui imediatamente!” Ela em geral se dava muitos bons conselhos (embora raramente os seguisse), e às vezes se ralhava tão severamente que os olhos ficavam cheios de lágrimas. Lembrou que certa vez tentara puxar as próprias orelhas por ter trapaceado num croqué que estava jogando consigo mesma, pois essa criança curiosa gostava muito de fingir que era duas pessoas. “Mas agora não adianta fingir que sou duas pessoas!”, pensou a pobre Alice. “Não resta quase nada de mim para formar *uma* pessoa respeitável.”

Logo o seu olhar caiu sobre uma caixinha de vidro que se achava embaixo da mesa. Ela a abriu e encontrou lá dentro um bolo bem pequeno, no qual as palavras “COMA-ME” estavam lindamente inscritas com groselhas. “Bem, vou comer”, disse Alice. “Se me tornar maior, vou poder alcançar a chave, e se me tornar ainda menor, posso passar por debaixo da porta. Vou entrar naquele jardim de qualquer modo, e não me importo com o que acontecer!”

Comeu um pouquinho e disse ansiosamente para si mesma: “Para que lado? Para que lado?”, com a mão sobre o topo da cabeça para sentir se crescia ou diminuía. E ficou bem surpresa ao descobrir que continuava do mesmo tamanho. Sem dúvida, é o que geralmente acontece quando se come um bolo, mas Alice já estava tão acostumada a esperar apenas coisas extraordinárias que lhe parecia bastante monótono e estúpido que a vida continuasse no ritmo normal.

Por isso pôs-se a comer e logo, logo acabou o bolo.

Capítulo II
A POÇA DE LÁGRIMAS



“**M**uito esquisitíssimo!”, gritou Alice (ela estava tão surpresa que por um momento esqueceu completamente como é que se fala a língua). “Agora estou me abrindo como o maior telescópio que já existiu! Adeus, pés!” (Pois quando baixou o olhar para os pés, eles tinham quase sumido de vista, cada vez mais distantes.) “Oh, meus pobres pezinhos, quem vai enfiar as meias e os sapatos em vocês agora, meus queridos? *Eu* é que não vou poder! Vou estar muito longe para me preocupar com vocês. Vocês vão ter de se arrumar da melhor maneira possível... mas tenho de ser gentil com eles”, pensou Alice, “senão talvez não queiram caminhar para onde desejo ir! Deixe-me ver. Vou lhes dar um par de botas novas todo Natal.”

E ela continuou a planejar consigo mesma como é que iria fazer para enviar o presente. “As botas vão ter que ir pelo mensageiro”, pensou. “E como vai ser engraçado mandar presentes para os próprios pés! E o endereço vai parecer muito estranho!”

Ao Sr. Pé Direito de Alice

Tapete da lareira

perto do guarda-fogo,

(com o amor de Alice).

Oh, meu Deus, que asneiras estou dizendo!”

Bem nesse momento, sua cabeça bateu contra o teto do saguão. Na realidade, ela tinha agora um pouco mais que dois metros e setenta, e logo pegou a chavinha de ouro e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! O máximo que conseguiu fazer, deitada de lado, foi espiar o jardim com um dos olhos. Entrar no jardim era mais impossível que nunca. Ela sentou-se e começou a chorar de novo.

“Você deve se envergonhar de si mesma”, disse Alice, “uma menina grande como você” (bem que tinha razão sobre esse ponto) “chorando dessa maneira! Pare imediatamente, estou mandando!” Mas ela continuou a chorar mesmo assim, derramando galões de lágrimas, até que se formou uma grande poça ao redor dela, com uns dez centímetros de profundidade, estendendo-se até a metade do saguão.

Depois de algum tempo, escutou um barulhinho de passos à distância, e rapidamente secou os olhos para ver o que se aproximava. Era o Coelho Branco de volta, magnificamente vestido, com um par de luvinhas brancas numa das mãos e um grande leque na outra. Passou correndo muito apressado, resmungando para si mesmo enquanto se aproximava: “Oh! A Duquesa, a Duquesa! Oh! Como não *vai* ficar furiosa se eu a fizer esperar!”. Alice sentia-se tão desesperada que estava disposta a pedir ajuda a qualquer um. Por isso, quando o Coelho passou perto dela, começou com uma voz baixa e tímida: “Por favor, senhor...”. O Coelho levou um susto violento,

deixou cair as luvinhas brancas e o leque e escapuliu-se para a escuridão o mais rápido possível.

Alice pegou o leque e as luvas e, como o saguão estava muito quente, ficou se abanando durante todo o tempo em que continuava a falar. “Meu Deus, meu Deus! Como tudo é esquisito hoje! E ontem tudo era exatamente como de costume. Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu *era* a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Quem é que eu sou?’. Ah, essa é a grande charada!” E ela começou a pensar em todas as crianças da sua idade que conhecia para ver se não poderia ter sido trocada por alguma delas.

“Tenho certeza de que não sou Ada”, disse ela, “pois o cabelo dela tem longos cachos, e o meu não tem cacho nenhum. E tenho certeza de que não sou Mabel, pois sei muitas coisas, e ela, oh, ela sabe tão pouco! Além do mais, *ela* é ela, e *eu* sou eu, e... oh, meu Deus, como é complicado tudo isso! Vou ver se ainda sei todas as coisas que sabia antes. Deixe-me ver: quatro vezes cinco é doze, e quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete é... oh meu Deus! Não vou chegar nunca a vinte desse jeito! Entretanto, a tabuada não quer dizer nada. Vou tentar geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, está *tudo* errado, tenho certeza! Devo ter sido trocada com Mabel! Vou tentar recitar ‘A abelhinha...’”, e ela cruzou as mãos sobre o colo, como se estivesse recitando as lições, e começou a repetir os versos, mas a sua voz soava rouca e estranha, e as palavras não saíam como de costume:

*“O pequeno crocodilo
Enfeita a lustrosa cauda,
Despeja as águas do Nilo
Sobre as escamas douradas!”*

*“Com que deleite arreganha-se
E calmo desdobra as garras,
Chama os peixes às entranhas
Da sorridente bocarra!”*

“Tenho certeza de que as palavras não estão corretas”, disse a pobre Alice, e seus olhos voltaram a se encher de lágrimas, enquanto continuava: “Devo ser Mabel afinal de contas, e vou ter de ir viver naquela casinha miserável, sem ter quase nenhum brinquedo para brincar, e oh, sempre tantas lições para estudar! Não, já decidi: se sou Mabel, vou ficar aqui embaixo! Não vai adiantar nada eles enfiarem as cabeças para baixo e dizerem: ‘Venha para cima, querida!’. Vou olhar para cima e falar: ‘Quem sou eu então? Primeiro me digam isso, e depois, se eu gostar de ser essa pessoa, vou subir. Se eu não gostar, vou ficar aqui embaixo até ser outra pessoa’... mas, oh meu Deus!”, gritou Alice com um acesso repentino de choro, “como eu queria que eles *enfiassem* as cabeças para baixo! Estou *muito* cansada de ficar sozinha aqui embaixo!”

Quando acabou de dizer isso, olhou para as mãos e ficou surpresa de ver que tinha posto uma das luvinhas do Coelho enquanto falava. “Como é que consegui fazer isso?”, pensou. “Devo estar diminuindo de novo.” Levantou-se e foi até a mesa para se medir por ela e, pelo que podia conjecturar, viu que tinha agora uns sessenta centímetros de altura e continuava a encolher rapidamente. Logo descobriu que a causa era o leque que tinha na mão, e ela o deixou cair apressadamente, bem a tempo de escapar de sumir completamente.

“Essa *foi* por um triz!”, disse Alice, muito assustada com a mudança repentina, mas feliz de ainda estar viva. “E agora ao jardim!” E ela correu a toda velocidade para a portinha, mas ai! a portinha estava fechada de novo, e a chavinha de ouro se achava sobre a mesa de vidro como antes, “e as coisas estão piores que nunca”,

pensou a pobre criança, “pois nunca fui tão pequena assim, nunca! E declaro que é muito ruim, muito!”

Enquanto dizia essas palavras, seu pé escorregou, e no momento seguinte, tchumbum! estava com água salgada até o queixo. A sua primeira ideia foi que tinha de algum modo caído no mar, “e nesse caso posso voltar pela estrada de ferro”, disse para si mesma. (Alice tinha ido para a praia uma única vez na vida e chegara à conclusão geral de que sempre que se vai para a costa inglesa há várias cabanas de banho no mar, algumas crianças cavando na areia com pás de madeira, depois uma fileira de pousadas e, por trás delas, a estação ferroviária.) No entanto, ela logo entendeu que estava na poça de lágrimas que tinha chorado quando media dois metros e setenta.

“Gostaria de não ter chorado tanto!”, disse Alice, enquanto nadava ao redor, tentando encontrar o seu caminho. “Vou ser castigada por isso agora, pelo visto, morrendo afogada nas minhas próprias lágrimas! *Vai* ser esquisito, com certeza! Mas tudo é esquisito hoje.”

Foi então que escutou alguma coisa chapinhando na poça um pouco mais longe, e ela se aproximou nadando para ver o que era. Primeiro achou que fosse uma morsa ou um hipopótamo, mas depois se lembrou do quanto estava pequena, e logo viu que era apenas um camundongo que, como ela, escorregara para dentro da poça.

“Será que adiantaria falar com este camundongo?”, pensou Alice. “Tudo é tão estranho aqui embaixo que acho muito provável que ele saiba falar. De qualquer modo, não vai fazer mal nenhum tentar.” Por isso ela começou: “Ó Camundongo, você sabe como sair desta poça? Já estou cansada de nadar por aqui, Ó Camundongo!”. (Alice achava que essa devia ser a maneira correta de falar com um camundongo. Ela nunca fizera nada parecido antes, mas lembrava-se de ter visto, na gramática latina do irmão, ‘o camundongo – do camundongo – ao camundongo – o camundongo – Ó camundongo!’.) O camundongo

olhou para ela com um ar de interrogação, e Alice teve a impressão de que piscara com um dos olhinhos, mas ele nada disse.

“Talvez não compreenda inglês”, pensou Alice. “Acho que é um camundongo francês, que veio com William o Conquistador.” (Pois, com todo o seu conhecimento de história, Alice não tinha uma noção muito clara de quanto tempo fazia desde que um fato se passara.) Por isso, começou de novo: “Où est ma chatte?”, que era a primeira frase de seu livro de francês. O camundongo deu um salto repentino para fora da água e parecia estar tremendo todo de susto. “Oh, desculpe-me!”, apressou-se a gritar Alice, com medo de ter ferido os sentimentos do pobre animal. “Esqueci completamente que você não gosta de gatos.”

“Não gosto de gatos!”, gritou o camundongo com uma voz aguda e apaixonada. “*Você* gostaria de gatos, se fosse eu?”

“Bem, talvez não”, disse Alice num tom apaziguador. “Não fique zangado. Mesmo assim, gostaria de lhe apresentar a nossa gata Dinah. Acho que você começaria a gostar de gatos se a conhecesse. Ela é muito querida e tranquila”, continuou Alice, meio para si mesma, enquanto nadava preguiçosamente na poça, “fica ronronando suavemente perto do fogo, lambendo as patas e lavando o focinho... e ela é tão macia de afagar... depois é uma danada para pegar camundongos... oh, desculpe-me!”, gritou Alice de novo, pois desta vez o camundongo estava todo eriçado, e ela teve certeza de que devia estar realmente ofendido. “Não vamos mais falar dela, se você não quiser.”

“Nós quem?”, gritou o camundongo, que estava tremendo até a ponta do rabo. “Como se eu conversasse sobre esse assunto! A nossa família sempre *odiou* gatos: são vulgares, baixos e asquerosos! Não quero ouvir esse nome de novo!”

“Não vou mais falar nisso!”, disse Alice, com pressa para mudar o assunto da conversa. “Você... gosta... de... de cachorros?” O camundongo não respondeu, por isso Alice continuou ansiosamente: “Há um cachorrinho tão querido perto da nossa casa, gostaria de lhe apresentar! Um pequeno terrier de olhinhos brilhantes, sabe, com um pelo marrom muito longo e encaracolado! Ele vai buscar o que você atira longe, senta nas patinhas de trás e pede o jantar, faz todo tipo de truques... não me lembro nem da metade... O dono é um fazendeiro, sabe, e ele diz que o cachorrinho é muito útil, que vale cem libras! Diz que ele mata todos os ratos e... oh meu Deus!”, gritou Alice num tom triste. “Acho que o ofendi de novo!” Pois o camundongo nadava para se afastar dela o máximo possível, e com isso provocava uma comoção e tanto na poça.

Por isso, ela o chamou docemente: “Camundongo querido! Volte, e não vamos mais falar de gatos nem de cachorros, se você não gosta deles!”. Quando o camundongo escutou essas palavras, virou-se e nadou lentamente para perto de Alice. A sua face estava muito pálida (de paixão, pensou Alice), e ele disse com uma voz baixa e trêmula: “Vamos para a margem que eu vou lhe contar a minha história, e você vai compreender por que é que eu odeio gatos e cachorros”.

Já estava mais do que na hora de sair da água, pois a poça estava ficando lotada com os pássaros e animais que tinham caído dentro dela. Havia um Pato e um Dodo, um Papagaio e uma Aguiazinha, e várias outras criaturas esquisitas. Alice foi à frente, e todo o grupo nadou para a margem.

Capítulo III

A CORRIDA-CAUCUS E UMA LONGA HISTÓRIA



Era realmente muito estranho o grupo que se reuniu na margem – os pássaros com as penas enlameadas, os animais com o pelo grudado no corpo, e todos pingando, mal-humorados e constrangidos.

A primeira questão era certamente saber como iriam se secar: tiveram uma conferência a esse respeito, e depois de alguns minutos Alice já achava bem natural estar ali falando familiarmente com aquelas criaturas, como se as tivesse conhecido a vida inteira. Na verdade, ela teve uma longa discussão com o Papagaio, que por fim emburrou e só repetia: “Sou mais velho que você, por isso devo saber mais”. E isso Alice não queria admitir, sem saber que idade ele tinha, e como o Papagaio se recusava absolutamente a lhe dizer a idade, não havia mais o que falar.

Por fim o Camundongo, que parecia ter alguma autoridade entre eles, gritou: “Sentem-se, todo mundo, e me escutem! *Vou* logo secá-

los bastante!”. Todos se sentaram imediatamente, num grande círculo, com o Camundongo no meio. Alice mantinha os olhos ansiosamente fixos na criatura, pois sentia que iria sem dúvida pegar um resfriado grave se não se secasse bem depressa.

“Ahã!”, disse o Camundongo com um ar importante. “Estão prontos? Este é o texto mais seco e sem molho que conheço. Silêncio ao redor, por favor! ‘A William o Conquistador, cuja causa era apoiada pelo papa, logo se submeteram os ingleses, que careciam de líderes e estavam ultimamente acostumados à usurpação e à conquista. Edwin e Morcar, os condes de Mercia e Northumbria...’ ”

“Brrrr!”, disse o Papagaio com um arrepio.

“Desculpe!”, disse o Camundongo, franzindo o sobrolho, mas muito polidamente. “Você disse alguma coisa?”

“Eu não!”, apressou-se a dizer o Papagaio.

“Achei que tivesse falado”, disse o Camundongo. “Continuo. ‘Edwin e Morcar, os condes de Mercia e Northumbria, tomaram o partido dele, e até Stigand, o arcebispo patriótico de Canterbury, achou isso recomendável...’ ”

“Achou o *quê?*”, disse o Pato.

“Achou isso recomendável”, respondeu o Camundongo um pouco ríspido. “É claro que você sabe o que ‘isso’ significa.”

“Sei muito bem o que ‘isso’ significa, quando eu acho alguma coisa”, disse o Pato. “É geralmente um sapo ou um verme. A pergunta é: o que foi que o arcebispo achou?”

O Camundongo ignorou essa pergunta, e continuou apressado: “‘...achou isso recomendável, e foi com Edgar Atheling ao encontro de William para lhe oferecer a coroa. A conduta de William foi a princípio moderada. Mas a insolência dos seus normandos...’ Como está se sentindo agora, minha querida?”, continuou, virando-se para Alice enquanto falava.

“Molhada como nunca”, disse Alice num tom melancólico. “Não parece me secar nem um pouco.”

“Nesse caso”, disse o Dodo levantando-se solenemente, “proponho que a reunião suspenda os trabalhos para a adoção imediata de remédios mais enérgicos...”

“Fale português!”, disse a Aguiazinha. “Não sei o significado nem de metade dessas palavras compridas, e além do mais não acredito que você saiba!” E a Aguiazinha curvou a cabeça para esconder um sorriso. Alguns dos outros pássaros riam à socapa de modo bem audível.

“O que eu ia dizendo”, disse o Dodo num tom ofendido, “era que a melhor coisa para nos secar seria uma corrida-caucus.”

“O que é uma corrida-caucus?”, disse Alice. Não que ela fizesse questão de saber, mas o Dodo tinha feito uma pausa, como se achasse que *alguém* devia falar, e ninguém mais parecia inclinado a dizer alguma coisa.

“Ora”, disse o Dodo, “a melhor maneira de explicar é fazer.” (E, como vocês talvez queiram experimentar essa corrida num dia de inverno, vou lhes contar como o Dodo a organizou.)

Primeiro ele traçou uma pista de corrida, numa espécie de círculo (“a forma exata não tem importância”, disse), e depois todo o grupo foi colocado ao longo da pista, aqui e ali. Não houve nada de “Um, dois, três, já!”, eles começavam a correr quando desejavam, e desistiam quando desejavam, por isso não era fácil saber quando a corrida tinha chegado ao fim. Entretanto, quando já tinham corrido por meia hora ou mais, e estavam de novo bem secos, o Dodo de repente gritou: “Acabou a corrida!”, e todos se aglomeraram ao redor dele, ofegando e perguntando: “Mas quem ganhou?”.

Essa pergunta o Dodo não conseguiu responder sem pensar bastante, e passou um longo tempo com um dos dedos premidos sobre

a testa (a posição em que geralmente está Shakespeare nos retratos que temos dele), enquanto o resto esperava em silêncio. Por fim, o Dodo disse: “*Todos* ganharam, e *todos* devem receber prêmios”.

“Mas quem vai dar os prêmios?”, perguntou um coro bem grande de vozes.

“Ora, *ela*, é claro”, disse o Dodo, apontando para Alice com um dedo. E todo o grupo se aglomerou imediatamente ao redor dela, gritando de modo confuso: “Prêmios! Prêmios!”.

Alice não tinha ideia do que fazer, e desesperada pôs a mão no bolso e tirou uma caixa de doces (por sorte, a água salgada não entrara na caixa), e distribuiu-os ao redor como prêmios. Havia exatamente um para cada criatura.

“Mas ela também deve ganhar um prêmio”, disse o Camundongo.

“Claro”, respondeu o Dodo muito sério. “O que mais você tem no seu bolso?”, continuou, virando-se para Alice.

“Apenas um dedal”, disse Alice tristemente.

“Passe para mim”, disse o Dodo.

Então todos se aglomeraram mais uma vez ao redor dela, enquanto o Dodo lhe entregava solenemente o dedal, dizendo: “Imploramos que se digne aceitar este elegante dedal”. E quando acabou esse curto discurso, todos aplaudiram.

Alice achou toda a cerimônia muito absurda, mas todos pareciam tão sérios que ela não teve coragem de rir. E como não conseguia pensar em nada para dizer, ela simplesmente fez uma mesura e pegou o dedal com o ar mais solene possível.

O passo seguinte foi comer os doces, o que provocou um pouco de ruído e confusão, pois os pássaros grandes reclamavam que não conseguiam sentir o sabor dos seus, e os pequenos se engasgavam e tinham de receber palmadinhas nas costas. Entretanto, os doces

se acabaram por fim, e todos voltaram a se sentar em círculo e pediram que o Camundongo lhes contasse mais alguma coisa.

“Você prometeu me contar a sua história, sabe”, disse Alice, “e por que você odeia... G e C”, acrescentou num suspiro, meio com medo de que ele se ofendesse de novo.

“A minha história é um longo e triste rabisco!”, disse o Camundongo, virando-se para Alice e suspirando.

“É certamente longo”, disse Alice, olhando espantada para o rabo do Camundongo. “Mas por que você diz que é triste?” E ela continuou a matutar sobre essa questão enquanto o Camundongo falava, de modo que a sua ideia da história ficou mais ou menos assim:

“Fúria disse ao pobre rato,

Que correndo veio do mato:

‘Vamos os dois perante a lei:

Pois hei de processar você.

Vamos, e sem qualquer lamento,

temos de ter o julgamento,

Pois realmente esta manhã

É só o que tenho a fazer’.

Disse ao vira-lata o ratinho:

‘Tal julgamento, sinhôzinho,

Sem júri, sem juiz, sem nada,

Será jogar fora conversa.’

‘Vou ser o júri e o juiz’

Disse a Fúria, com

ardis. ‘Hei de julgar

a causa inteira

você não

escapará

dessa.’ ”

“Você não está prestando atenção!”, disse o Camundongo para Alice severamente. “Em que está pensando?”

“Desculpe”, disse Alice muito humilde, “você tinha chegado à quinta curva, não é?”

“Nada disso! Ai de nós!”, gritou o Camundongo, ríspido e muito zangado.

“Nós!”, disse Alice, sempre pronta a ajudar os outros e olhando ansiosa ao redor. “Oh, deixe-me ajudar a desatá-los!”

“Não vou fazer nada disso”, disse o Camundongo, levantando-se e indo embora. “Você me insulta falando tanta asneira!”

“Não foi por querer!”, alegou a pobre Alice. “Mas é que você se ofende por qualquer coisa!”

O Camundongo apenas rosnou em resposta.

“Por favor, volte e acabe a sua história!”, gritou Alice chamando-o de volta. E todos os outros a secundaram em coro: “Sim, por favor, volte!”. Mas o Camundongo apenas sacudiu a cabeça impientemente e caminhou um pouco mais rápido.

“Que pena que ele não quis ficar!”, suspirou o Papagaio, assim que o Camundongo desapareceu de vista. Uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para dizer à sua filha: “Ah, minha querida! Que isto lhe ensine a nunca perder as estribeiras!” “Cale-se, mamãe!”, disse a jovem Carangueja, um pouco irritada. “Você desafia até a paciência de uma ostra!”

“Queria que Dinah estivesse aqui, é o que eu queria!”, disse Alice em voz alta, não se dirigindo a ninguém em particular. “Ela logo o traria de volta!”

“E quem é Dinah, se posso tomar a liberdade de perguntar?”, disse o Papagaio.

Alice respondeu pressurosamente, pois estava sempre pronta a falar de seu animalzinho de estimação: “Dinah é a nossa gata. E ela é

maravilhosa para pegar camundongos, nem podem imaginar! E oh, gostaria que a vissem atrás dos passarinhos! Ora, ela já está devorando o passarinho, nem bem põe os olhos nele!”.

Esse discurso causou uma sensação extraordinária no grupo. Alguns dos pássaros logo se apressaram a partir. Uma velha Gralha começou a se enrolar toda com muito cuidado, observando: “Eu realmente tenho que ir para casa. O ar da noite não faz bem para a minha garganta!”. E um Canário gritou com voz trêmula para seus filhos: “Vamos embora, meus queridos! Já está mais que na hora de vocês estarem na cama!”. Sob vários pretextos, todos partiram, e Alice logo ficou sozinha.

“Não devia ter falado em Dinah!”, disse para si mesma num tom melancólico. “Ninguém parece gostar dela por aqui, mas tenho certeza de que ela é a melhor gata do mundo! Oh, minha querida Dinah! Será que vou voltar a ver você?” E nesse momento a pobre Alice começou a chorar de novo, pois estava se sentindo muito sozinha e desanimada. Em pouco tempo, porém, ouviu novamente um pequeno ruído de passos à distância, e ela levantou os olhos ansiosa, meio que esperando que fosse o Camundongo que tivesse mudado de ideia e viesse acabar a sua história.

Capítulo IV
O COELHO MANDA UM RECADO PELO LAGARTO

Era o Coelho Branco, voltando a passos lentos e olhando ansiosamente ao redor, como se tivesse perdido alguma coisa. E ela ouviu-o murmurar com os seus botões: “A Duquesa! A Duquesa! Oh, as minhas patinhas! Oh, o meu pelo e os meus bigodes! Ela vai mandar me executarem, tão certo quanto as doninhas serem doninhas! Onde é que posso tê-las deixado cair?” Alice logo compreendeu que ele estava atrás do leque e do par de luvinhas brancas, e muito bondosamente começou a procurá-los, mas tinham desaparecido – tudo parecia ter mudado desde o seu mergulho na poça, e o grande saguão, com a mesa de vidro e a portinha, tinha sumido completamente.

O Coelho não demorou a ver Alice, enquanto ela vasculhava ao redor, e gritou para ela num tom zangado: “Ora, Mary Ann, o que você *está* fazendo aqui fora? Corra para casa imediatamente e me traga um par de luvas e um leque! Rápido!”. E Alice estava tão assustada que saiu correndo imediatamente na direção que ele apontava, sem tentar explicar o erro que ele tinha cometido.

“Ele me tomou pela sua criada”, disse para si mesma enquanto corria. “Como não vai ficar surpreso quando descobrir quem eu sou! Mas acho melhor lhe levar o leque e as luvas – isto é, se conseguir encontrá-los.” Enquanto falava, chegou a uma casinha bem arrumada, em cuja porta se via uma placa de latão brilhante com o nome “COELHO BRANCO” gravado. Ela entrou sem bater e correu para o

andar de cima, com muito medo de encontrar a verdadeira Mary Ann e ser posta para fora da casa antes que encontrasse o leque e as luvas.

“Que estranho”, disse Alice para si mesma, “servir de garota de recados para um coelho! Imagino que Dinah também vai começar a me dar tarefas para fazer!” E ela começou a imaginar a cena que então aconteceria: “‘Srta. Alice! Venha imediatamente, e prepare-se para a sua caminhada!’ ‘Num minuto, ama! Primeiro tenho que vigiar este buraco de camundongo até Dinah voltar, e cuidar para que o camundongo não fuja.’ Só que não acho”, continuou Alice, “que eles deixariam Dinah ficar na casa se ela começasse a dar ordens desse jeito!”.

A essa altura ela já tinha encontrado o caminho até um quartinho arrumado com uma mesa junto à janela, e sobre a mesa (como ela imaginara) estavam um leque e dois ou três pares de luvinhas brancas. Ela pegou o leque e um par de luvas, e estava prestes a sair do quarto quando seu olhar caiu sobre uma garrafinha que estava perto do espelho. Desta vez não havia etiqueta com as palavras “BEBA-ME”, mas ainda assim ela tirou a rolha e encostou o gargalo nos lábios. “Sei que alguma coisa interessante deve acontecer”, disse para si mesma, “sempre que como ou bebo algo, por isso é melhor ver qual é o efeito desta garrafa. Espero que me faça crescer de novo, pois já estou muito cansada de ser uma coisinha tão diminuta!”

Foi esse certamente o efeito do líquido, e muito mais rápido do que ela imaginara: ainda não tinha bebido nem a metade da garrafa, e a cabeça já estava batendo no teto, e ela teve de se curvar para não quebrar o pescoço. Pôs a garrafa de lado apressadamente, dizendo para si mesma: “Já chega... espero não crescer mais... No meu tamanho atual, já não consigo passar pela porta... gostaria de não ter bebido tanto!”.

Ai! Tarde demais para esse desejo! Ela continuava a crescer e a crescer, e muito em breve teve de se ajoelhar no chão. No minuto seguinte, não havia espaço nem sequer para isso, e ela tentou se deitar com um cotovelo contra a porta e o outro braço curvado ao redor da cabeça. Ainda assim continuava a crescer e, como último recurso, pôs um braço para fora da janela e um pé pela chaminé, e disse para si mesma: “Agora não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que *vai* ser de mim?”.



Felizmente para Alice, a garrafinha mágica tinha agora exercido todo o seu efeito, e ela parou de crescer. Mesmo assim, era uma situação muito desconfortável e, como não lhe parecia possível sair do quarto de novo, não é de admirar que ela se sentisse muito infeliz.

“Era muito mais agradável em casa”, pensou a pobre Alice, “quando não vivia crescendo e diminuindo desse jeito, nem recebendo ordens de camundongos e coelhos. Quase gostaria de não ter caído naquela toca de coelho... porém... porém... é bem curioso, sabe, este tipo de vida! Queria saber o que foi que aconteceu comigo! Quando eu lia contos de fada, imaginava que essas coisas nunca aconteciam, e

agora estou no meio de um deles! Deveria haver um livro escrito sobre mim, ah isso deveria! E quando crescer, vou escrever um livro... mas já estou crescida agora”, acrescentou num tom triste. “Pelo menos, não há mais espaço para crescer *neste lugar*.”

“Mas nesse caso”, pensou Alice, “nunca vou ficar mais velha do que sou? Por um lado, será um alívio... jamais serei velha... mas, por outro lado... sempre ter lições para aprender! Oh, não gostaria *disso*!”

“Oh, tola Alice!”, respondeu a si mesma. “Como é que vai aprender lições aqui? Ora, mal há espaço para *você*, e não há lugar para os livros das lições!”

E assim ela continuou, assumindo primeiro um lado e depois o outro, e criando toda uma conversa dessa forma, mas depois de alguns minutos ouviu uma voz no lado de fora, e parou para escutar.

“Mary Ann! Mary Ann!”, dizia a voz. “Traga-me as luvas imediatamente!” Então ouviu-se um barulhinho de passos na escada. Alice sabia que era o Coelho vindo à sua procura, e ela tremeu até sacudir toda a casa, esquecendo-se completamente de que estava agora umas mil vezes maior que o Coelho, e não tinha razão para temê-lo.

O Coelho chegou até a porta e tentou abri-la, mas como a porta abria para dentro, e o cotovelo de Alice estava prensado contra a madeira, sua tentativa foi frustrada. Alice ouviu-o dizer para si mesmo: “Então vou dar a volta e entrar pela janela”.

“Não vai fazer *nada disso*!”, pensou Alice, e depois de esperar até achar que tinha escutado o Coelho bem abaixo da janela, espalmou de repente a mão e procurou agarrar algo no ar. Não pegou nada, mas ouviu um gritinho e o som de uma queda, além do ruído de vidro quebrado, pelo que concluiu que era bem possível que ele tivesse caído num estufim de pepinos ou algo do gênero. A seguir, ouviu-se uma voz zangada – a do Coelho: “Pat! Pat! Onde está *você*?”. E então

apareceu uma voz que ela jamais ouvira antes: “Estou aqui! Cavando para ver se encontro maçãs, Vossa Senhoria!”.

“Ora, cavando maçãs!”, disse o Coelho zangado. “Venha cá! Venha me ajudar a sair daqui!” (Ruídos de mais vidro quebrado.)

“Agora me diga uma coisa, Pat, o que é aquilo na janela?”

“Ora, é um braço, Vossa Senhoria!” (Ele pronunciava “brrrassso”.)

“Um braço, imbecil! Quem já viu um braço desse tamanho? Ora, ele ocupa toda a janela!”

“Ocupa, sem dúvida, Vossa Senhoria, mas é um braço, apesar de tudo.”

“Bem, de qualquer modo não tem nada que estar ali. Vá tirá-lo da janela!”

Houve um longo silêncio depois disso, e Alice só conseguia escutar sussurros de vez em quando, tais como: “Ora, não estou gostando nada disso, Vossa Senhoria, nem um pouco, nem um pouco!” “Faça o que estou mandando, covarde!”, e por fim ela espalmou a mão de novo e fez outra tentativa de agarrar alguma coisa no ar. Desta vez ouviu *dois* gritinhos, e mais ruídos de vidro quebrado. “Quantos estufins de pepino não deve haver!”, pensou Alice. “O que será que vão fazer agora? Quanto a me puxar pela janela, gostaria que *conseguissem*! Eu certamente não quero ficar aqui por muito mais tempo!”

Ela esperou um pouco, sem escutar mais nada. Por fim, ouviu os solavancos de pequenos carrinhos de mão, e o ruído de um grande número de vozes, todas soando ao mesmo tempo. Conseguiu distinguir as seguintes palavras: “Onde está a outra escada de mão?... Ora, eu só tinha ordens de trazer uma. Bill tem a outra... Bill, traga aqui, rapaz!... Aqui, ponham as escadas neste canto... Não, amarrem as escadas primeiro... elas ainda não alcançam até lá em cima... Oh, é

o que basta. Não seja exigente... Aqui, Bill! Segure esta corda... Será que o telhado vai aguentar?... Tome cuidado com aquela telha solta... Oh, está desabando! Abaixem as cabeças!” (um forte estrondo) ...“Agora, quem fez isso?... Acho que foi Bill... Quem vai descer pela chaminé?... Não, eu é que não! Vá *você*!... Agora é que não vou!... Bill é que tem de ir... Venha cá, Bill! O patrão diz que você tem que descer pela chaminé!”.

“Oh! Então Bill tem que descer pela chaminé?”, disse Alice para si mesma. “Ora, eles parecem pôr tudo nas costas de Bill! Eu não queria estar no lugar de Bill por nada deste mundo. Esta lareira é estreita, certamente, mas acho que ainda dá para eu chutar um pouco!”

Ela encolheu o pé até o ponto mais baixo da chaminé que conseguiu alcançar, e esperou até escutar um animalzinho (não soube adivinhar a sua espécie) arranhando e trepando na chaminé bem acima de onde estava. Então, dizendo para si mesma “Este é Bill”, ela deu um chute forte e esperou para ver o que iria acontecer.

A primeira coisa que escutou foi um coro geral de “Lá se vai o Bill!”, depois a voz do Coelho sozinha: “Vocês aí perto da cerca viva, agarrem-no!”, a seguir silêncio, e então outra confusão de vozes: “Levantem a cabeça dele... Conhaque agora... Não o engasguem... Como foi, meu velho? O que lhe aconteceu? Conte-nos tudo tintim por tintim!”.

Por fim ouviu-se uma voz fraquinha e esganiçada (“Esse é Bill”, pensou Alice): “Bem, não sei... Chega, obrigado, já estou melhor... mas estou muito atarantado para lhes contar... só o que sei é que alguma coisa me atingiu como um boneco de caixa de surpresa, e lá me fui para o alto como um foguete!”.

“Como um foguete, certamente, meu velho!”, disseram os outros.

“Vamos ter de incendiar a casa!”, disse a voz do Coelho. E Alice gritou tão alto quanto possível: “Se incendiarem a casa, vou pôr Dinah atrás de vocês!”.

Houve um silêncio mortal no mesmo instante, e Alice pensou consigo mesma: “O que será que *vão fazer* agora? Se tivessem algum juízo, destelhariam a casa”. Depois de um ou dois minutos, começaram a se mover de novo, e Alice escutou o Coelho dizer: “Para começar, basta um carrinho de mão cheio”.

“Cheio do *quê?*”, pensou Alice. Mas ela não teve de ficar na dúvida por muito tempo, pois logo uma chuva de pequenos seixos entrou chocalhando pela janela, e alguns bateram na sua face. “Vou pôr um fim nisto”, disse para si mesma, e gritou para fora: “É melhor não fazerem isto de novo!”, o que produziu outro silêncio mortal.

Alice notou, com alguma surpresa, que todos os seixos se transformavam em bolinhos quando batiam no chão, e teve uma brilhante ideia. “Se eu comer um desses bolinhos”, pensou, “eles vão certamente provocar alguma *mudança* no meu tamanho. E como não há jeito de me aumentar ainda mais, eles devem me diminuir.”

Assim ela engoliu um dos bolinhos, e ficou encantada ao descobrir que logo começou a encolher. Assim que já estava pequena o suficiente para passar pela porta, saiu correndo da casa e encontrou uma multidão de animaizinhos e passarinhos esperando no lado de fora. O pobre lagartinho, Bill, estava no meio do círculo, amparado por dois porquinhos-da-índia que lhe estavam dando o conteúdo de uma garrafa. Todos investiram contra Alice assim que ela apareceu, mas ela correu o máximo que pôde, e logo se viu a salvo numa mata espessa.

“A primeira coisa que tenho de fazer”, disse Alice para si mesma, enquanto perambulava pela mata, “é voltar ao meu tamanho normal.

E a segunda coisa é encontrar o caminho para aquele jardim encantador. Acho que esse é o melhor plano.”

Parecia um plano excelente, sem dúvida, arquitetado de forma muito simples e perfeita. A única dificuldade era que ela não tinha a menor ideia de como pô-lo em prática. E, enquanto espiava ansiosamente entre as árvores, um latido agudo bem acima da sua cabeça fez com que levantasse os olhos com muita rapidez.

Um enorme cachorrinho a olhava com grandes olhos redondos e, estendendo delicadamente uma das patinhas, tentava tocá-la. “Pobrezinho!”, disse Alice num tom adulator, e tentou assobiar para o animalzinho. Mas o tempo todo ela estava terrivelmente assustada com a ideia de que ele poderia estar com fome, e nesse caso seria bem provável que a comesse apesar de todos os seus agrados.

Mal sabendo o que fazia, pegou um graveto e estendeu-o para o cãozinho, ao que o filhote deu um salto no ar com todas as patas fora do chão e, latindo de alegria, investiu contra o pauzinho e fingiu que o mordia. Então Alice se escondeu atrás de um grande cardo para não ser atropelada e, assim que apareceu no outro lado, o cãozinho investiu de novo contra o graveto e deu cambalhotas no ar na sua pressa de agarrá-lo. Achando que esse jogo era como brincar com um cavalo de carroça, e esperando a todo momento ser pisoteada pelas suas patas, Alice voltou a se esconder atrás do cardo. Então o cãozinho começou uma série de investidas contra o pauzinho, correndo um pouco para frente e muito para trás a cada tentativa, e latindo roucamente o tempo todo, até que por fim se sentou bem longe, ofegando, com a língua para fora da boca e os grandes olhos meio fechados.

Esse momento pareceu a Alice uma boa oportunidade para fugir. Por isso partiu imediatamente, e correu até ficar muito cansada e sem fôlego, e até que o latido do cãozinho soasse muito fraco à distância.

“E apesar de tudo como era querido o cãozinho!”, disse Alice, enquanto se encostava num botão-de-ouro para descansar e se abanava com uma de suas folhas. “Gostaria muito de ter lhe ensinado alguns truques, se... se ao menos o meu tamanho tivesse permitido! Oh, meu Deus! Quase esqueci que tenho de crescer de novo! Vamos ver... como *é que* vou fazer isso? Acho que tenho de comer ou beber alguma coisa, mas a grande pergunta é ‘O quê?’ ”

A grande pergunta era certamente “O quê?”. Alice olhou ao redor de si para as flores e lâminas da grama, mas não via nada que se parecesse com o que devia comer ou beber naquelas circunstâncias. Havia um grande cogumelo perto dela, quase da sua altura, e depois de ter olhado embaixo, em ambos os lados e atrás do cogumelo, ocorreu-lhe que poderia ver o que havia em cima.

Espichou-se na ponta dos pés e espiou sobre a beirada do cogumelo, e seus olhos encontraram imediatamente os de uma grande lagarta azul que estava sentada no topo, de braços cruzados, fumando tranquilamente um narguilé, e não dando a menor atenção nem para ela, nem para qualquer outra coisa.

Capítulo V
O CONSELHO DE UMA **L**AGARTA



A lagarta e Alice olharam-se por algum tempo em silêncio. Por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca e dirigiu-se a Alice com uma voz lânguida e sonolenta.

“Quem é você?”, disse a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito estimulante. Alice respondeu um pouco tímida: “Eu... eu... no momento não sei, minha senhora... pelo menos sei quem eu era quando me levantei hoje de manhã, mas acho que devo ter mudado várias vezes desde então”.

“O que você quer dizer?”, disse a Lagarta ríspida. “Explique-se!”

“Acho que infelizmente não posso me explicar, minha senhora”, disse Alice, “porque já não sou *eu*, entende?”

“Não entendo”, disse a Lagarta.

“Receio não poder me expressar mais claramente”, respondeu Alice muito polida, “pois, para começo de conversa, não entendo a mim mesma. Ter muitos tamanhos num mesmo dia é muito confuso.”

“Não é”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez ainda não pense assim”, disse Alice. “Mas quando se transformar numa crisálida – o que vai acontecer um dia, sabe – e depois disso numa borboleta, acho que vai se sentir um pouco esquisita, não acha?”

“Nem um pouco”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez seus sentimentos sejam diferentes”, disse Alice. “O que sei é que *eu* iria me sentir esquisita.”

“Você!”, disse a Lagarta com desdém. “Quem é você?”

O que as levou de volta ao começo da conversa. Alice sentiu-se um pouco irritada com o fato de a Lagarta fazer comentários *tão* curtos, e espichou-se para dizer muito séria: “Acho que deve me dizer primeiro quem é a senhora”.

“Por quê?”, disse a Lagarta.

Era outra pergunta intrigante, e como Alice não conseguia pensar em nenhuma boa razão, e a Lagarta não parecia estar num estado de espírito muito agradável, ela virou-se e foi embora.

“Volte!”, chamou a Lagarta. “Tenho algo importante a dizer!”

Isso parecia promissor, sem dúvida. Alice virou-se e voltou para perto do cogumelo.

“Não perca as estribeiras”, disse a Lagarta.

“É só isso?”, disse Alice, engolindo a raiva da melhor maneira possível.

“Não”, disse a Lagarta.

Alice achou que era melhor esperar, pois não tinha nada mais para fazer, e a Lagarta poderia afinal dizer alguma coisa que valesse a pena escutar. Durante alguns minutos, ela deu algumas baforadas sem falar,

mas por fim descruzou os braços, tirou o narguilé da boca e disse: “Então você acha que mudou, não é?”.

“Receio que sim, minha senhora”, disse Alice. “Não me lembro mais das coisas como antes... e não conservo o mesmo tamanho nem por dez minutos!”

“*De que coisas você não se lembra?*”, disse a Lagarta.

“Bem, tentei recitar *A abelhinha diligente*, mas saiu tudo diferente!”, respondeu Alice com uma voz muito melancólica.

“Recite *Você está velho, Pai William*”, disse a Lagarta.

Alice cruzou as mãos e começou:

*“Você está velho, Pai William”, disse o moço,
“Os cabelos de neve salpicados,
Mas vive a plantar bananeira com alvoroço,
Na sua idade, não acha arriscado?”*

*“Nos meus tempos”, Pai William respondeu de pronto,
“Receava causar dano à moleira.
Hoje bem sei que não tenho nada lá dentro,
Então, por que não plantar bananeira?”*

*“Você está velho”, disse o jovem, “eu repito,
E também gordo, de modo anormal.
Mas aqui entrou saltando como um cabrito,
Diga-me, existe razão para tal?”*

*“Nos meus tempos”, e o sábio balançou os cachos,
“Cuidava para ter membros flexíveis.
Com o uso desse unguento – um xelim a caixa,
Não quer comprar dois potes? São incríveis.”*

*“Você está velho”, disse o jovem, “nem mastiga
Tudo o que for mais duro do que sebo.
Mas não deixou do ganso nem bico, nem miga,
E como faz isso, é que não concebo.”*

*“Nos meus tempos”, disse o pai, “como homem da lei,
Com minha esposa os casos arguía.
As articulações do queixo exercitei
E até hoje resistem, quem diria!”*

*“Você está velho”, disse o jovem, “e ninguém diz
Que os seus olhos são tão firmes como antes.
Mas traz uma enguia na ponta do nariz...
É de espantar que seja tão brilhante.”*

*“Já dei resposta a três questões, feche a torneira”,
Disse o pai. “Vê se abaixa sua crista!
Acha que tenho tempo de escutar asneira?
Saia, ou vou tirá-lo da minha vista!”*

“Isso não está certo”, disse a Lagarta.

“Acho que não está *muito* certo”, disse Alice tímida. “Algumas das palavras saíram trocadas.”

“Está errado de cabo a rabo”, disse a Lagarta positiva. Fez-se silêncio por alguns minutos.

A Lagarta foi a primeira a falar.

“De que tamanho você quer ser?”, perguntou.

“Oh, não sou exigente quanto ao tamanho”, Alice apressou-se a responder. “Só que ninguém gosta de ficar mudando a toda hora, entende?”

“*Não* entendo”, disse a Lagarta.

Alice não disse nada. Ela nunca fora tão contestada em toda a sua vida, e sentia que ia perder as estribeiras.

“Você está satisfeita agora?”, disse a Lagarta.

“Bem, gostaria de ser um pouquinho maior, minha senhora, se não se importasse”, disse Alice. “Sete centímetros e meio é uma altura desgraçada.”

“É uma altura muito boa!”, disse a Lagarta zangada, endireitando-se o máximo possível enquanto falava. (Tinha exatamente sete centímetros e meio de altura.)

“Mas não estou acostumada com essa altura!”, implorou Alice num tom de lamento. E pensou consigo mesma: “Gostaria que as criaturas não se ofendessem tão facilmente!”

“Você vai acabar se acostumando”, disse a Lagarta. E pôs o narguilé na boca e começou a fumar de novo.

Desta vez Alice esperou pacientemente até que ela se decidisse a falar de novo. Depois de um ou dois minutos, a Lagarta tirou o narguilé da boca, deu um ou dois bocejos e se sacudiu. Aí desceu do cogumelo e saiu arrastando-se pela grama, apenas observando enquanto se afastava: “Um lado fará você crescer, e o outro lado fará você diminuir”.

“Um lado do *quê*? O outro lado do *quê*?”, pensou Alice consigo mesma.

“Do cogumelo”, disse a Lagarta, como se ela tivesse falado em voz alta. E no momento seguinte já tinha desaparecido.

Alice ficou olhando pensativamente para o cogumelo durante um minuto, tentando descobrir quais eram os seus dois lados. E, como o cogumelo era exatamente redondo, achou que se tratava de uma questão difícil. Entretanto, acabou estendendo os braços ao redor do cogumelo, até onde conseguiam alcançar, e tirou um pedacinho da beirada de cada lado.

“E agora qual é um e qual é outro?”, disse para si mesma, e mordiscou o pedacinho da mão direita para experimentar o efeito. No mesmo momento, sentiu um golpe violento embaixo do queixo: tinha batido no seu pé!

Ficou um bocado assustada com essa mudança tão repentina, mas sentiu que não havia tempo a perder, pois estava encolhendo

rapidamente. Por isso, logo pôs mãos à obra para comer um pouco do outro pedacinho. O queixo estava tão pressionado contra o pé que nem havia espaço para ela abrir a boca. Mas conseguiu por fim, e deu um jeito de engolir um naco do pedacinho da mão esquerda.

“Ufa, a minha cabeça está livre por fim!”, disse Alice num tom de satisfação, que mudou para alarme logo em seguida, quando viu que não conseguia mais achar os ombros em lugar nenhum. Tudo o que conseguia ver, quando olhava para baixo, era um imenso pescoço comprido, que parecia crescer como uma haste dentre um mar de folhas verdes que se estendia lá embaixo.

“O que será toda essa substância verde?”, disse Alice. “E onde foi que os meus ombros se enfiaram? E oh, minhas pobres mãos, como é que não posso ver vocês?” Ela as movia enquanto falava, mas disso não parecia surtir algum efeito a não ser um estremecimento entre as folhas verdes distantes.

Como não parecia haver meio de levar as mãos à cabeça, ela tentou abaixar a cabeça e levá-la até as mãos, e ficou encantada ao descobrir que o pescoço se curvava facilmente em qualquer direção, como uma serpente. Mal tinha conseguido curvá-lo num ziguezague gracioso, e estava prestes a mergulhar entre as folhas que descobriu não serem nada mais que as copas das árvores sob as quais andara passeando, quando um silvo agudo a fez retroceder apressada. Uma grande pomba voara contra a sua cabeça e batia violentamente na sua face com as asas.

“Serpente!”, gritou a Pomba.

“*Não* sou uma serpente!”, disse Alice indignada. “Deixe-me em paz!”

“Serpente, insisto!”, repetiu a Pomba, mas num tom mais suavizado, e acrescentou soluçando: “Já tentei de tudo, mas nada

parece satisfazê-las!”.

“Não tenho a menor ideia do que você está falando”, disse Alice.

“Já tentei as raízes das árvores, já tentei as margens do rio, já tentei cercas vivas”, continuou a Pomba, sem lhe dar atenção, “mas essas serpentes! Não há como satisfazê-las!”

Alice estava cada vez mais intrigada, mas achou que não adiantava dizer mais nada, enquanto a Pomba não tivesse acabado o seu discurso.

“Como se não fosse bastante trabalho chocar os ovos”, disse a Pomba, “ainda tenho de ficar vigiando as serpentes, noite e dia! Ora, não preguei os olhos nessas últimas três semanas!”

“Lamento muito que tenha sido incomodada”, disse Alice, que estava começando a entender o que ela dizia.

“E quando eu tinha escolhido a árvore mais alta da mata”, continuou a Pomba, levantando a voz e dando um grito estridente, “quando começava a pensar que tinha conseguido me ver livre por fim, elas têm que cair se retorcendo do alto do céu! Xô, Serpente!”

“Mas eu não sou uma serpente, repito!”, disse Alice. “Sou uma... sou uma...”

“Bem! *O que é você?*”, disse a Pomba. “Percebo que está inventando alguma coisa!”

“Sou... sou uma menina!”, disse Alice, um tanto em dúvida, ao se lembrar das várias mudanças por que tinha passado naquele dia.

“Uma história bem pouco provável!”, disse a Pomba, com um tom do mais profundo desprezo. “Já vi muitas meninas na minha vida, mas nenhuma com um pescoço desses! Não, não! Você é uma serpente, não adianta negar. Suponho que agora vá me dizer que nunca provou um ovo!”

“É claro que provei ovos”, disse Alice, que era uma criança muito sincera, “mas as meninas também comem ovos, tanto quanto as

serpentes.”

“Não acredito”, disse a Pomba, “mas se elas comem ovos, ora, então são uma espécie de serpente. É o que digo!”

Essa era uma ideia tão nova para Alice que ela ficou em silêncio por um ou dois minutos, o que deu à Pomba a oportunidade de acrescentar: “Você está procurando ovos, sei disso muito bem, e que me importa se você é uma menina ou uma serpente?”

“Importa muito para *mim*”, disse Alice apressadamente, “mas acontece que não estou procurando ovos. E se estivesse, não iria querer os seus. Não gosto de ovos crus.”

“Bem, então vá embora!”, disse a Pomba num tom emburrado, enquanto se acomodava de novo no seu ninho. Alice se agachou entre as árvores da melhor maneira possível, pois o pescoço estava sempre se enredando entre os ramos, e de vez em quando ela tinha de parar para desenredá-lo. Depois de algum tempo, lembrou-se de que ainda tinha nas mãos os pedaços do cogumelo, e ela se pôs a comê-los muito cuidadosamente, mordiscando primeiro um e depois o outro, ora crescendo, ora diminuindo, até que conseguiu recuperar a sua altura normal.

Já fazia tanto tempo que seu tamanho deixara de ser o normal que ela se sentiu estranha a princípio. Mas acostumou-se com a sua realidade em poucos minutos, e começou a falar consigo mesma como de costume: “Vamos, já consegui realizar metade do meu plano! Como são intrigantes todas estas mudanças! Nunca sei ao certo o que vou ser no próximo minuto! Voltei ao meu tamanho normal, agora é entrar naquele lindo jardim... Mas como é que vou fazer isso?”. Enquanto dizia essas palavras, entrou repentinamente numa clareira, onde se via uma casinha de mais ou menos um metro e vinte de altura. “Seja quem for o morador”, pensou Alice, “não vai adiantar nada visitá-lo *neste* tamanho. Ora, eu o mataria de susto!”. Por isso

começou a morder o pedacinho da mão direita de novo, e só se aventurou a chegar perto da casa quando já tinha encolhido para uma altura de vinte e três centímetros.

Capítulo VI
PORCO E PIMENTA



Ela ficou olhando para a casa por um ou dois minutos, perguntando-se o que fazer a seguir, quando de repente um laçao de libré saiu correndo da mata (achou que fosse um laçao porque estava de libré, senão, a julgar pela sua face, teria pensado que se tratava de um peixe) e bateu ruidosamente na porta com os nós dos dedos. A porta foi aberta por outro laçao de libré, com uma face redonda e olhos grandes como os de um sapo. E os dois laçaios, Alice observou, tinham perucas empoadas que cobriam de cachos as suas cabeças. Ela ficou curiosa para saber o que estava se passando, e furtiva saiu um pouco da mata para escutar.

O Lacaio-Peixe começou por tirar uma enorme carta que trazia embaixo do braço, quase do seu tamanho, e essa carta ele a entregou ao outro, dizendo num tom solene: “Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croqué”. O Lacaio-Sapo repetiu a frase, no mesmo tom solene, apenas mudando um pouco a ordem das palavras: “Da Rainha. Um convite para a Duquesa jogar croqué”.

Então os dois fizeram uma grande medida, e os seus cachos se enredaram uns nos outros.

Alice riu tanto da cena que teve de voltar correndo para dentro da mata, pois ficou com medo de que a escutassem. E quando voltou a espiar para fora, o Lacaio-Peixe tinha desaparecido, e o outro estava sentado no chão perto da porta, fitando estupidamente o céu.

Alice aproximou-se timidamente da porta e bateu.

“Não adianta bater”, disse o Lacaio, “e isso por duas razões. Primeiro, porque estou no mesmo lado da porta que você. Segundo, porque estão fazendo tanto barulho lá dentro que ninguém a escutaria.” E certamente um barulho muito extraordinário estava se produzindo lá dentro – uns gritos e espirros constantes, e de vez em quando um grande estrondo, como se um prato ou uma chaleira tivessem sido despedaçados.

“Diga-me então, por favor”, disse Alice, “como é que vou entrar?”

“As suas batidas poderiam ter algum sentido”, continuou o Lacaio, sem lhe prestar atenção, “se tivéssemos a porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse no lado de dentro, poderia bater e eu a deixaria sair.” Ele olhava para o céu enquanto falava, o que Alice achou positivamente descortês. “Mas talvez não possa evitar”, disse para si mesma, “pois os seus olhos estão muito perto do topo da cabeça. Mas de qualquer modo poderia responder às perguntas. – Como é que entro?”, repetiu em voz alta.

“Vou ficar sentado aqui”, observou o Lacaio, “até amanhã...”

Nesse momento, a porta da casa se abriu, e um grande prato saiu voando bem na direção da cabeça do Lacaio. Apenas arranhou o seu nariz e espatifou-se contra uma das árvores às suas costas.

“...ou até depois de amanhã, talvez”, continuou o Lacaio no mesmo tom, exatamente como se nada tivesse acontecido.

“Como é que vou entrar?”, perguntou Alice de novo, num tom mais alto.

“Você vai realmente entrar?”, disse o Lacaio. “Esta é a primeira pergunta.”

Era, sem dúvida. Só que Alice não gostou que lhe apontassem essa verdade. “É realmente terrível”, resmungou para si mesma, “como todas as criaturas discutem. É o bastante para deixar qualquer um maluco!”

Ao que parece, o Lacaio achou que essa era uma boa oportunidade para repetir a sua observação, com variações. “Vou ficar sentado aqui”, disse, “intermitentemente, por dias e dias.”

“Mas o que é que *eu* vou fazer?”, disse Alice.

“O que quiser”, disse o Lacaio, e começou a assobiar.

“Oh, não adianta falar com ele”, disse Alice desesperada. “É completamente idiota!” E ela abriu a porta e entrou.

A porta abria diretamente para uma grande cozinha, que estava cheia de fumaça de uma ponta à outra. A Duquesa estava sentada num banquinho de três pés no meio da sala, embalando um bebê. A cozinheira estava inclinada sobre o fogo, mexendo num grande caldeirão que parecia estar cheio de sopa.

“Há certamente pimenta demais nesta sopa!”, disse Alice para si mesma, assim como lhe foi possível, pois não parava de espirrar.

Havia certamente pimenta demais no *ar*. Até a Duquesa espirrava de vez em quando. E quanto ao bebê, ele espirrava e gritava

alternadamente, sem fazer nenhuma pausa. As duas únicas criaturas na cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um grande gato, que estava deitado perto da lareira com um enorme sorriso de uma ponta à outra da cabeça.

“Por favor, poderia me dizer”, disse Alice um pouco tímida, pois não sabia muito bem se era de boa educação falar em primeiro lugar, “por que é que o seu gato sorri desse jeito?”

“É um Gato de Cheshire”, disse a Duquesa, “é por isso. Porco!”

Pronunciou a última palavra com uma violência tão brusca que Alice quase deu um pulo. Mas logo compreendeu que a Duquesa não se dirigia a ela mas ao bebê, por isso tomou coragem e continuou:

“Não sabia que todos os Gatos de Cheshire sorriam. Para falar a verdade, nem tinha ideia de que os gatos sabiam sorrir.”

“Todos sabem”, disse a Duquesa, “e a maioria deles sorri.”

“Não sei de nenhum que sorria”, disse Alice muito polidamente, sentindo-se bem satisfeita de ter entabulado uma conversa.

“Você não sabe muito”, disse a Duquesa, “e isso é um fato.”

Alice não gostou nem um pouco do tom desse comentário, e achou melhor mudar de assunto. Enquanto tentava se decidir por um tema, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e pôs-se imediatamente a atirar tudo o que estava ao seu alcance na Duquesa e no bebê – os atijadores vieram primeiro, depois seguiu-se uma chuva de caçarolas, travessas e pratos. A Duquesa não lhes dava atenção, nem mesmo quando a atingiam. E o bebê já estava gritando tanto que era totalmente impossível dizer se os golpes o machucavam ou não.

“Oh, por favor, preste atenção no que está fazendo!”, gritou Alice, saltando de um lado para o outro numa agonia de terror. “Oh, lá se vai o seu *precioso* nariz!”, quando uma frigideira extraordinariamente grande passou voando perto do bebê e por muito pouco não o carregou junto.

“Se todo mundo cuidasse dos seus interesses”, disse a Duquesa com um grunhido rouco, “o mundo giraria bem mais rápido.”

“O que não seria uma vantagem”, disse Alice, muito feliz de ter uma oportunidade para exibir um pouco dos seus conhecimentos. “Imagine o que não iria acontecer com o dia e a noite! Veja, a Terra leva vinte e quatro horas para girar ao redor do seu eixo, o que é um achado...”

“Falando de machados”, disse a Duquesa, “corte a cabeça dela!”

Alice olhou um tanto ansiosa para a cozinheira, procurando ver se ela pretendia obedecer a sugestão. Mas a cozinheira estava ocupada mexendo no caldeirão e não parecia estar escutando, por isso ela continuou: “Acho que são vinte e quatro horas. Ou serão doze? Eu...”.

“Oh, não *me* amole!”, disse a Duquesa. “Nunca suportei números.” E com isso ela começou a embalar o filho de novo, cantando-lhe uma cantiga de ninar e dando-lhe uma sacudida violenta no final de cada verso:

*“Fale duro com seu garoto,
E bata nele quando espirra,
Sabe o que faz, esse maroto,
Sabe que irrita, se faz birra.”*

Coro

(com a cozinheira e o bebê)

“Ó u! Ó u! Ó u!”

Ao cantar a segunda estrofe da canção, a Duquesa não parava de atirar o bebê violentamente para cima e para baixo, e o coitadinho gritava tanto que Alice mal conseguia escutar as palavras:

“Falo duro com meu garoto,

*E bato nele quando espirra,
Pois mais completo assim é o gosto
Dessa pimenta, quando embirra!*

Coro

“Ó u! Ó u! Ó u!”

“Tome! Pode embalá-lo um pouco, se quiser!”, a Duquesa disse a Alice, atirando-lhe o bebê enquanto falava. “Tenho que me preparar para jogar croqué com a Rainha” e saiu correndo da sala. A cozinheira lhe atirou uma frigideira enquanto ela se retirava, mas a panela passou raspando pelo alvo.

Alice pegou o bebê com alguma dificuldade, pois era uma criaturinha de formato muito esquisito que estendia os braços e as pernas em todas as direções, “como uma estrela do mar”, pensou Alice. O coitadinho estava bufando como uma máquina a vapor quando ela o pegou, e não parava de se dobrar todo para depois se endireitar, de modo que nos dois primeiros minutos o máximo que ela conseguiu fazer foi agarrá-lo sem deixar cair.

Assim que descobriu o modo apropriado de embalar o bebê (que era torcê-lo numa espécie de nó, depois segurar bem firme a orelha direita e o pé esquerdo, para impedir que se desatasse), ela o levou para o ar livre. “Se não levá-la comigo”, pensou Alice, “vão acabar matando essa criança mais dia menos dia. Não seria assassinato abandoná-la nesta casa?” Disse as últimas palavras em voz alta, e o pequeno grunhiu em resposta (tinha parado de espirrar a essa altura). “Nada de grunhir”, disse Alice, “essa não é uma maneira muito correta de se expressar.”

O bebê grunhiu de novo, e Alice olhou muito ansiosa para a sua face, procurando descobrir qual era o problema. Não havia dúvida de que ele tinha um nariz muito arrebitado, mais parecido com um

focinho do que com um nariz real. Seus olhos também estavam se tornando extremamente pequenos para um bebê. Em suma, Alice não estava gostando nem um pouco do que via. “Mas talvez esteja apenas soluçando”, pensou e olhou de novo nos seus olhos, para ver se não havia lágrimas.

Não, não havia lágrimas. “Se você vai se transformar num porco, meu querido”, disse Alice séria, “não quero mais saber de você. Tome cuidado!” O coitadinho soluçou de novo (ou grunhiu, era impossível saber qual dos dois), e eles seguiram adiante por algum tempo em silêncio.

Alice estava começando a pensar consigo mesma: “Agora o que é que vou fazer com esta criatura quando chegar em casa?”, quando ele grunhiu de novo, tão violentamente que ela baixou os olhos para examinar a sua face com algum alarme. Desta vez não havia erro: era nada mais, nada menos que um porco, e ela sentiu que seria totalmente absurdo continuar a carregá-lo.

Por isso pôs a criaturinha no chão, e sentiu-se bem aliviada ao vê-lo sair trotando tranquilamente para dentro da mata. “Se tivesse crescido”, disse para si mesma, “teria dado uma criança terrivelmente feia, mas até que dá um porco bem bonito.” E ela pôs-se a pensar em todas as outras crianças suas conhecidas que dariam porcos muito bons, e estava começando a dizer para si mesma “se ao menos houvesse um meio de saber como transformá-las...”, quando ficou um pouco espantada de ver o Gato de Cheshire sobre um ramo de árvore a alguns metros de distância.

O Gato apenas sorriu quando viu Alice. Parecia de boa índole, ela pensou, mas não deixava de ter garras muito longas e um número respeitável de dentes, por isso ela sentiu que devia ser tratado com respeito.

“Gatinho de Cheshire” começou um pouco tímida, pois não sabia se ele gostaria do nome, mas ele abriu ainda mais o sorriso. “Vamos, parece ter gostado até agora”, pensou Alice, e continuou. “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?”

“Isso depende bastante de onde você quer chegar”, disse o Gato.

“O lugar não me importa muito...”, disse Alice.

“Então não importa que caminho você vai tomar”, disse o Gato.

“...desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice em forma de explicação.

“Oh, você vai certamente chegar a algum lugar”, disse o Gato, “se caminhar bastante.”

Alice sentiu que não havia como negar essa verdade, por isso tentou outra pergunta. “Que tipo de pessoas vivem por aqui?”

“*Nesta* direção”, disse o Gato, girando a pata direita, “mora um Chapeleiro. E *nesta* direção”, apontando com a pata esquerda, “mora uma Lebre de Março. Visite quem você quiser, são ambos loucos.”

“Mas eu não ando com loucos”, observou Alice.

“Oh, você não tem como evitar”, disse o Gato, “somos todos loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca”.

“Como é que sabe que eu sou louca?”, disse Alice.

“Você deve ser”, disse o Gato, “senão não teria vindo para cá.”

Alice não achou que isso provasse coisa alguma, mas continuou: “E como é que sabe que você é louco?”

“Para começo de conversa”, disse o Gato, “um cachorro não é louco. Admite esse fato?”

“Acho que sim”, disse Alice.

“Bem, então”, continuou o Gato, “veja o seguinte: um cachorro rosna, quando está brabo, e abana o rabo, quando está satisfeito. Ora, eu rosno, quando estou satisfeito, e abano o rabo, quando estou brabo. Portanto, sou louco.”

“Eu não chamo a isso rosnar, mas ronronar”, disse Alice.

“Dê o nome que quiser”, disse o Gato. “Você vai jogar croqué com a Rainha hoje?”

“Gostaria muito”, disse Alice, “mas ainda não fui convidada.”

“Você me verá por lá”, disse o Gato e desapareceu.

Alice não ficou muito surpresa com isso, pois já estava se acostumando a que coisas estranhas acontecessem. Enquanto ainda estava olhando para o lugar onde o Gato tinha estado, ele de repente reapareceu.

“Por sinal, o que aconteceu com o bebê?”, disse o Gato. “Quase me esqueci de perguntar.”

“Ele se transformou num porco”, respondeu Alice muito tranquilamente, como se o Gato tivesse voltado de forma bem natural.

“Como pensei”, disse o Gato e desapareceu de novo.

Alice esperou um pouco, meio que esperando vê-lo surgir de novo, mas ele não apareceu, e depois de um ou dois minutos ela seguiu adiante na direção onde diziam que morava a Lebre de Março. “Já vi muitos chapeleiros”, disse para si mesma. “A Lebre de Março será muito mais interessante e talvez, como estamos em maio, não esteja louca de atar... pelo menos, não tão louca como estava em março.” Enquanto falava, olhou para cima, e lá estava o Gato de novo, sentado num ramo de árvore.

“Você disse ‘porco’ ou ‘corvo’?”, disse o Gato.

“Eu disse ‘porco’ ”, respondeu Alice, “e gostaria que parasse de aparecer e desaparecer assim tão de repente. Você deixa qualquer um tonto!”

“Está bem”, disse o Gato, e desta vez desapareceu bem lentamente, começando pela ponta do rabo e terminando com o sorriso, que permaneceu ainda algum tempo depois que o resto do Gato já tinha sumido.

“Bem! Já vi muitas vezes um gato sem sorriso”, pensou Alice, “mas um sorriso sem gato! É a coisa mais curiosa que já vi em toda a minha vida!”

Não tinha andado muito longe, quando avistou a casa da Lebre de Março. Achou que devia ser a casa da Lebre, porque as chaminés tinham a forma de orelhas e o telhado era coberto de peles. Era uma casa tão grande que ela não quis se aproximar sem antes mordiscar um pouco mais do pedacinho de cogumelo na sua mão esquerda, o que a ergueu até a altura de uns sessenta centímetros. Mesmo assim, foi se aproximando um tanto timidamente, dizendo para si mesma: “E se ela estiver louca de atar afinal? Quase que gostaria de ter ido visitar o Chapeleiro!”.

Capítulo VII
UM CHÁ MUITO LOUCO



Havia uma mesa posta sob uma das árvores na frente da casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá. Um Arganaz estava sentado entre eles, profundamente adormecido, e os outros dois o usavam como almofada, descansando nele os cotovelos e conversando sobre a sua cabeça. “Muito confortável para o Arganaz”, pensou Alice, “só que, como está dormindo, acho que não se importa.”

A mesa era grande, mas estavam todos aglomerados num de seus cantos. “Não há lugar! Não há lugar!”, gritaram quando viram Alice se aproximar. “Há muito lugar!”, disse Alice indignada, e ela se sentou numa grande poltrona junto a uma das pontas da mesa.

“Tome um pouco de vinho”, disse a Lebre de Março num tom encorajador.

Alice olhou ao redor de toda a mesa, mas não havia nada a não ser chá. “Não estou vendo nenhum vinho”, observou.

“Não há”, disse a Lebre de Março.

“Então não foi muito polido da sua parte oferecer”, disse Alice zangada.

“Não foi muito polido da sua parte sentar-se sem ser convidada”, disse a Lebre de Março.

“Não sabia que a mesa era *sua*”, disse Alice. “Está posta para muito mais que três pessoas.”

“Seu cabelo precisa de um corte”, disse o Chapeleiro. Ele estivera olhando para Alice por algum tempo com grande curiosidade, e essa foi a sua primeira fala.

“Você devia aprender a não fazer comentários pessoais”, disse Alice, um pouco severa, “é muito rude.”

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que *disse* foi: “Por que um corvo é parecido com uma escrivanhinha?”

“Bem, vamos ter afinal um pouco de diversão!”, pensou Alice. “Estou contente que tenham começado a propor charadas... Acho que posso adivinhar essa”, acrescentou em voz alta.

“Você quer dizer que acha que pode descobrir a resposta para a charada?”, disse a Lebre de Março.

“Exatamente”, disse Alice.

“Então deveria dizer o que quer dizer”, continuou a Lebre de Março.

“É o que faço”, respondeu Alice apressada, “pelo menos... pelo menos eu quero dizer o que digo... é a mesma coisa.”

“Nem um pouco!”, disse o Chapeleiro. “Ora, você poderia dizer que ‘vejo o que como’ é a mesma coisa que ‘como o que vejo’!”

“Você poderia dizer”, acrescentou o Arganaz, que parecia estar falando no meio do sono, “que ‘respiro quando durmo’ é a mesma

coisa que ‘durmo quando respiro’!”

“É a mesma coisa para você”, disse o Chapeleiro, e então a conversa morreu. O grupo ficou em silêncio por um minuto, enquanto Alice pensava em tudo o que podia lembrar sobre corvos e escrivatinhas, o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio. “Que dia do mês é hoje?”, disse, virando-se para Alice. Ele tirara o relógio do bolso e olhava inquieto para o mostrador, sacudindo-o de vez em quando e colocando-o junto ao ouvido.

Alice pensou um pouco e depois disse: “É dia quatro.”

“Está dois dias errado!”, suspirou o Chapeleiro. “Eu lhe disse que manteiga não faria bem ao mecanismo!”, acrescentou, olhando zangado para a Lebre de Março.

“Era a *melhor* manteiga”, respondeu humilde a Lebre de Março.

“Sim, mas algumas migalhas também devem ter entrado lá dentro”, resmungou o Chapeleiro, “você não devia ter posto a manteiga com a faca do pão”.

A Lebre de Março pegou o relógio e olhou tristemente para o mostrador, depois mergulhou-o na sua xícara de chá e examinou-o de novo. Mas não achou nada melhor para dizer do que o seu primeiro comentário: “Era a *melhor* manteiga, sabe.”

Alice andara espiando sobre o seu ombro com alguma curiosidade. “Que relógio engraçado!”, observou. “Marca o dia do mês, mas não marca a hora!”

“Por que marcaria?”, disse o Chapeleiro entre dentes. “O seu relógio marca o ano?”

“Claro que não”, respondeu Alice prontamente, “mas é porque o ano permanece o mesmo por um tempo muito longo.”

“O que é exatamente o que acontece com o *meu*”, disse o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente perplexa. O comentário do Chapeleiro não lhe parecia fazer sentido, mas era certamente português. “Não estou compreendendo muito bem”, disse no modo mais polido possível.

“O Arganaz está dormindo de novo”, disse o Chapeleiro, e derramou um pouco de chá quente no seu focinho.

O Arganaz sacudiu impacientemente a cabeça e disse, sem abrir os olhos: “Claro, claro, exatamente o que eu ia dizer.”

“Você já adivinhou a charada?”, disse o Chapeleiro, virando-se de novo para Alice.

“Não, desisto”, respondeu Alice. “Qual é a resposta?”

“Não tenho a menor ideia”, disse o Chapeleiro.

“Nem eu”, disse a Lebre de Março.

Alice suspirou cansada. “Acho que você poderia aproveitar melhor o seu tempo”, disse, “em vez de desperdiçá-lo propondo charadas que não têm resposta.”

“Se você conhecesse o Tempo como eu conheço”, disse o Chapeleiro, “não falaria em desperdiçá-lo, como se fosse uma coisa. É um *senhor*.”

“Não entendo o que você quer dizer”, disse Alice.

“Claro que não entende!”, disse o Chapeleiro, atirando a cabeça desdenhosamente para trás. “Acho que você nunca sequer falou com o Tempo!”

“Talvez não”, respondeu Alice cautelosamente, “mas sei que tenho de bater o tempo, quando estudo música.”

“Ah! Isso explica tudo”, disse o Chapeleiro. “Ele não suporta ser batido. Agora, se você mantivesse boas relações com o Tempo, ele faria quase tudo o que você quisesse com o relógio. Por exemplo, vamos supor que fossem nove da manhã, bem na hora de começar as

aulas. Você só teria de sussurrar uma dica para o Tempo, e o ponteiro giraria num piscar de olhos! Uma e meia, hora do almoço!”

(“Como gostaria que fosse”, disse a Lebre de Março para si mesma num sussurro.)

“Seria maravilhoso, certamente”, disse Alice pensativa, “só que... eu não estaria com fome.”

“A princípio, talvez não”, disse o Chapeleiro, “mas você poderia manter o relógio marcando uma e meia por quanto tempo quisesse.”

“É assim que *você* faz?”, perguntou Alice.

O Chapeleiro sacudiu a cabeça tristemente. “Não!”, respondeu. “Brigamos no mês de março passado... pouco antes de *ela* ficar louca, sabe...” (apontando com a colherinha para a Lebre de Março) “...foi no grande concerto dado pela Rainha de Copas, e eu tinha de cantar

‘Pisque, pisque, morceguinho!

O que faz aí sozinho?’

Você talvez conheça a canção.”

“Já escutei algo parecido”, disse Alice.

“Continua”, disse o Chapeleiro, “da seguinte maneira:

‘Sobre o mundo voa ao léu,

Bandeja de chá no céu.

Pisque, pisque...’ ”

Nesse momento o Arganaz se sacudiu e começou a cantar dormindo “*Pisque, pisque, pisque, pisque...*”. E continuou a cantar por tanto tempo que tiveram que lhe dar um beliscão para fazê-lo parar.

“Bem, eu mal tinha acabado o primeiro verso”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha berrou: ‘Ele está matando o tempo! Cortem a cabeça dele!’”

“Que coisa mais selvagem!”, exclamou Alice.

“E desde então”, continuou o Chapeleiro num tom triste, “ele não faz mais nada do que peço! Agora são sempre seis horas.”

Uma ideia brilhante entrou na cabeça de Alice. “É por isso que há tanta louça e torradas para o chá sobre a mesa?”, perguntou.

“Sim, é por essa razão”, disse o Chapeleiro com um suspiro. “Está sempre na hora do chá, nem temos tempo de lavar a louça de vez em quando.”

“Então vocês ficam mudando de lugar, não é?”, disse Alice.

“Exatamente”, disse o Chapeleiro, “quando tudo já foi consumido.”

“Mas o que vai acontecer quando vocês chegarem ao começo de novo?”, Alice se arriscou a perguntar.

“Que tal mudar de assunto?”, interrompeu a Lebre de Março com um bocejo. “Já estou cansada desse tema. Meu voto é para que a jovem dama nos conte uma história.”

“Receio não saber nenhuma”, disse Alice, um tanto alarmada com a proposta.

“Então o Arganaz vai contar!”, os dois gritaram. “Acorde, Arganaz!” E eles o beliscaram ao mesmo tempo nos dois lados.

O Arganaz abriu lentamente os olhos. “Não estava dormindo”, disse com uma voz fraca e rouca, “ouvi tudo o que vocês estavam dizendo.”

“Conte-nos uma história!”, disse a Lebre de Março.

“Sim, por favor!”, implorou Alice.

“E seja rápido”, acrescentou o Chapeleiro, “senão já vai estar dormindo antes de acabar.”

“Era uma vez três irmãzinhas”, começou o Arganaz apressado, “e seus nomes eram Elsie, Lacie e Tillie, e elas viviam no fundo de um poço...”

“Do que é que elas viviam?”, disse Alice, que sempre se interessava muito por questões de comida e bebida.

“Viviam de melaço”, disse o Arganaz, depois de pensar um ou dois minutos.

“Não poderiam viver disso”, observou Alice gentilmente. “Teriam adoecido.”

“Sem dúvida”, disse o Arganaz, “ficaram *muito* doentes.”

Alice tentou imaginar como seria esse extraordinário modo de vida, mas ficou demasiado perplexa, por isso continuou: “Mas por que é que elas viviam no fundo de um poço?”

“Tome mais chá”, disse a Lebre de Março para Alice, muito séria.

“Ainda não tomei nenhuma xícara”, respondeu Alice num tom ofendido, “por isso não posso tomar mais.”

“Você quer dizer que não pode tomar *menos*”, disse o Chapeleiro, “é muito fácil tomar *mais* do que nada.”

“Ninguém pediu a *sua* opinião”, disse Alice.

“Quem está fazendo comentários pessoais agora?”, perguntou o Chapeleiro triunfante.

Alice não sabia muito bem que resposta dar a essa observação, por isso serviu-se de um pouco de chá e de pão com manteiga, e depois virou-se para o Arganaz e repetiu a pergunta. “Por que é que elas viviam no fundo de um poço?”

O Arganaz levou mais um ou dois minutos pensando, e depois disse: “Era um poço de melaço.”

“Isso não existe!”, Alice começou a dizer zangada, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março fizeram “Ssss! Ssss!”, e o Arganaz

observou emburrado: “Se não sabe se comportar, é melhor você acabar a história.”

“Não, por favor, continue!”, disse Alice muito humildemente. “Não vou mais interromper. Acho que talvez exista *um* poço desses.”

“Só um, realmente!”, disse o Arganaz indignado. No entanto, concordou em continuar a história. “E assim essas três irmãzinhas... elas estavam aprendendo a desenhar, a tirar as linhas do...”

“Tirar o quê?”, disse Alice, esquecendo completamente a sua promessa.

“O melaço”, disse o Arganaz, sem pensar nem um minuto sequer desta vez.

“Quero uma xícara limpa”, interrompeu o Chapeleiro, “vamos todos passar para o próximo lugar.”

Ele mudou de lugar enquanto falava, e o Arganaz o seguiu. A Lebre de Março passou para o lugar do Arganaz, e Alice tomou um tanto a contragosto o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro foi o único a conseguir alguma vantagem com a mudança, e Alice ficou numa situação bem pior que antes, pois a Lebre de Março tinha acabado de derrubar o jarro de leite no seu prato.

Alice não queria ofender o Arganaz de novo, por isso começou muito cautelosamente: “Mas não entendo. De onde elas tiravam o melaço?”

“Você pode tirar água de um poço de água”, disse o Chapeleiro, “portanto, acho que poderia tirar melaço de um poço de melaço... não é, estúpida?”

“Mas elas estavam *dentro* do poço”, disse Alice ao Arganaz, preferindo não dar atenção ao último comentário.

“Claro que estavam”, disse o Arganaz, “bem empoçadas.”

Essa resposta confundiu tanto a pobre Alice que ela deixou o Arganaz continuar por algum tempo sem interrompê-lo.

“Elas estavam aprendendo a desenhar”, continuou o Arganaz, bocejando e esfregando os olhos, pois estava ficando com muito sono, “e elas desenhavam toda espécie de coisas... tudo o que começa com M...”

“Por que com M?”, disse Alice.

“Por que não?”, disse a Lebre de Março.

Alice calou-se.

O Arganaz tinha fechado os olhos a essa altura e estava caindo num cochilo, mas, ao ser beliscado pelo Chapeleiro, acordou de novo com um gritinho e continuou: “.. que começa com M, como marimbondo, meia-lua, memória e mesmice – sabe como se diz que as coisas são ‘mais ou menos a mesma mesmice’ – você já viu o desenho de uma mesmice?”

“Realmente, agora que você me pergunta”, disse Alice muito confusa, “não acho que...”

“Então não devia dizer nada”, disse o Chapeleiro.

Essa grosseria foi demais para Alice. Levantou-se muito desgostada e foi embora. O Arganaz caiu imediatamente no sono, e nenhum dos outros dois deu a mínima para a sua partida, embora ela olhasse para trás uma ou duas vezes, meio que esperando que a chamassem de volta. Na última vez que os viu, os dois estavam tentando enfiar o Arganaz dentro do bule de chá.

“De qualquer modo, nunca mais vou voltar a esse lugar!”, disse Alice, enquanto procurava seu caminho pela mata. “Foi o chá mais estúpido que já tomei em toda a minha vida!”

Quando acabou de dizer essas palavras, notou que uma das árvores tinha uma porta que abria para dentro do tronco. “Muito esquisito!”, pensou. “Mas tudo é esquisito hoje. Acho que não vai fazer mal entrar.” E ela entrou.

Mais uma vez viu-se no longo saguão e perto da mesinha de vidro. “Bem, vou me sair melhor desta vez”, disse para si mesma, e começou por pegar a chavinha de ouro e destrancar a porta que abria para o jardim. Depois passou a mordiscar o cogumelo (tinha guardado um pedaço no bolso), até ficar com uns trinta centímetros de altura. A seguir caminhou pelo pequeno corredor e então... viu-se por fim no belo jardim entre os canteiros brilhantes e as fontes frescas.

Capítulo VIII
O CAMPO DE CROQUÊ DA RAINHA



Havia uma grande roseira perto da entrada do jardim. As suas rosas eram brancas, mas havia três jardineiros cuidando da planta, muito ocupados em pintar as rosas de vermelho. Alice achou tudo isso muito curioso e aproximou-se um pouco mais para observá-los. Quando chegou bem perto, escutou um deles dizer: “Cuidado, Cinco! Não borrfite tinta em cima de mim desse jeito!”

“Não deu para evitar”, disse Cinco, num tom emburrado. “Sete empurrou o meu cotovelo.”

Ao que Sete levantou os olhos e disse: “Está certo, Cinco! Sempre pondo a culpa nos outros!”

“É melhor *você* calar a boca!”, disse Cinco. “Ainda ontem ouvi a Rainha dizer que você merecia ser decapitado.”

“Por quê?”, disse o que tinha falado em primeiro lugar.

“Não é da sua conta, Dois!”, disse Sete.

“Sim, é da conta dele!”, disse Cinco. “E vou lhe contar... foi por levar raízes de tulipa em vez de cebolas para a cozinheira.”

Sete jogou o pincel no chão, e mal começara a dizer, “Bem, de todas as injustiças...”, quando seus olhos recaíram por acaso sobre Alice, que os observava, e ele se endireitou de repente. Os outros também se viraram, e todos fizeram uma grande medida.

“Poderiam me dizer, por favor”, disse Alice um pouco tímida, “por que é que estão pintando as rosas?”

Cinco e Sete nada disseram, mas olharam para Dois. Esse começou em voz baixa: “Ora, o caso é o seguinte, Senhorita, esta roseira devia ser *vermelha*, mas plantamos uma branca por engano, e se a Rainha descobrir, vamos todos perder a cabeça. Por isso, Senhorita, estamos fazendo o possível, antes de ela chegar, para...” Nesse momento, Cinco, que olhava ansiosamente para o jardim, gritou: “A Rainha! A Rainha!”, e os três jardineiros se atiraram instantaneamente no chão, achatados de cabeça para baixo. Ouviu-se o barulho de muitos passos, e Alice se virou ansiosa para ver a Rainha.

Em primeiro lugar, vinham os soldados carregando os paus. Tinham todos o mesmo formato dos três jardineiros, retangulares e chatos, com as mãos e os pés saindo pelos cantos. A seguir, vinham os dez cortesãos, todos cobertos de ouro, caminhando dois a dois, como os soldados. Depois vinham os infantes. Havia dez infantes, e os pequenos vinham pulando alegremente, de mãos dadas, aos pares.

Todos estavam ornamentados com copas. Os próximos eram os convidados, a maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco. Ele falava de um modo nervoso e apressado, sorrindo de tudo o que se dizia, e passou sem ver Alice. Seguia-se o Valete de Copas, carregando a coroa do Rei sobre uma almofada de veludo cor de púrpura. E, ao final desse grandioso cortejo, vinham O REI E A RAINHA DE COPAS.

Alice estava meio em dúvida se não deveria se prostrar no chão como os três jardineiros, mas ela não se lembrava de ter ouvido falar dessa regra em cortejos. “E além disso, de que adiantaria um cortejo”, pensou, “se as pessoas ficassem todas deitadas de bruços, sem poder contemplá-los?” Por isso, permaneceu onde estava e esperou.

Quando o cortejo chegou diante de Alice, todos pararam e olharam para a menina, e a Rainha perguntou severamente “Quem é esta?” ao Valete de Copas, que apenas se inclinou e sorriu em resposta.

“Idiota!”, disse a Rainha, atirando a cabeça para trás com impaciência. E virando-se para Alice, continuou: “Qual é o seu nome, minha filha?”

“Meu nome é Alice, Vossa Majestade”, disse Alice muito polidamente, mas acrescentou para si mesma: “Ora, afinal são apenas um baralho de cartas. Não preciso ter medo deles!”

“E quem são *estes*?”, disse a Rainha, apontando para os três jardineiros que estavam deitados ao redor da roseira. Pois, vejam, como estavam deitados de bruços, e o padrão nas suas costas era o mesmo do resto do baralho, ela não podia saber se eram jardineiros, soldados, cortesãos ou três de seus próprios filhos.

“Como é que *eu* vou saber?”, disse Alice, surpresa com a sua própria coragem. “Não é da *minha* conta.”

A Rainha ficou vermelha de fúria e, depois de fitá-la por um momento como um animal selvagem, começou a gritar: “Cortem a cabeça dela! Cortem...”

“Tolice!”, disse Alice em voz muito alta e decidida, e a Rainha se calou.

O Rei pôs a mão no braço da Rainha e disse timidamente: “Pense bem, minha querida, ela é apenas uma criança!”

A Rainha afastou-se zangada do marido e disse para o Valete: “Vire-os para cima!”

O Valete obedeceu, virando-os muito cuidadosamente com o pé.

“Levantem-se!”, disse a Rainha com uma voz aguda bem alta, e os três jardineiros se puseram imediatamente de pé, e começaram a fazer medidas para o Rei, a Rainha, os infantes e todos os demais.

“Parem com isso!”, gritou a Rainha. “Vocês estão me deixando tonta.” E depois, virando-se para a roseira, continuou: “O que *andaram* fazendo por aqui?”

“Se me permite, Vossa Majestade”, disse Dois num tom muito humilde, ajoelhando-se enquanto falava, “estávamos tentando...”

“Sei!”, disse a Rainha, que nesse meio tempo examinara as rosas. “Cortem as cabeças deles!”, e o cortejo seguiu adiante, três dos soldados ficando para trás com ordens de executar os infelizes jardineiros, que correram para perto de Alice em busca de proteção.

“Vocês não vão ser decapitados!”, disse Alice, e ela os colocou num grande canteiro que havia por perto. Os três soldados andaram ao redor por um ou dois minutos, procurando os jardineiros, e depois partiram tranquilamente atrás dos outros.

“As cabeças já se foram?”, gritou a Rainha.

“Sumiram, Vossa Majestade!”, gritaram os soldados em resposta.

“Está bem!”, gritou a Rainha. “Sabe jogar croqué?”

Os soldados ficaram em silêncio e olharam para Alice, pois a pergunta era evidentemente dirigida a ela.

“Sim!”, gritou Alice.

“Venha então!”, rugiu a Rainha, e Alice se juntou ao cortejo, curiosa para saber o que iria acontecer a seguir.

“Está... está um dia muito bonito!”, disse uma voz tímida ao seu lado. Ela estava caminhando ao lado do Coelho Branco, que lhe espiava ansiosamente o rosto.

“Muito”, disse Alice. “Onde está a Duquesa?”

“Quieta!”, disse o Coelho num tom baixo e apressado. Olhou ansiosamente por sobre o ombro enquanto falava, e depois pôs-se na ponta dos pés, aproximou a boca do ouvido de Alice e sussurrou: “Ela está sob sentença de execução.”

“Por que a pena?”, disse Alice.

“Você disse ‘Que pena!’?”, perguntou o Coelho.

“Não”, disse Alice. “Absolutamente não acho que seja uma pena. Disse ‘Por que a pena?’”

“Ela deu um tabefe nas orelhas da Rainha...” começou o Coelho. Alice caiu na risada. “Oh, quieta!”, sussurrou o Coelho num tom assustado. “A Rainha vai escutá-la! Sabe, ela chegou bastante tarde, e a Rainha disse...”

“Vão para os seus lugares!”, gritou a Rainha com uma voz de trovão, e todos começaram a correr em todas as direções, tropeçando uns nos outros. Entretanto, conseguiram se posicionar num ou dois minutos, e o jogo começou.

Alice pensou que nunca vira um campo de croqué mais esquisito em toda a sua vida. Era todo cheio de cômoros e sulcos, as bolas de croqué eram ouriços-cacheiros vivos, os malhos flamingos vivos, e os soldados tinham de se dobrar e ficar de quatro para formar os arcos.

A principal dificuldade que Alice encontrou a princípio foi manejar o seu flamingo. Conseguiu enfiar o corpo do pássaro bem confortavelmente sob o braço, ficando as patas pendentes, mas assim que fazia o flamingo esticar bem o pescoço e ia dar um golpe no ouriço-cacheiro com a cabeça do animal, ele em geral *virava* a cabeça e a olhava nos olhos, com uma expressão tão perplexa que ela não podia deixar de cair na gargalhada. E quando ela voltava a abaixar a cabeça do flamingo e ia começar de novo, era muito irritante descobrir que o ouriço-cacheiro tinha se desenrolado e estava se arrastando para ir embora. Além do mais, havia quase sempre um cômodo ou um sulco no caminho do lugar aonde ela queria mandar o ouriço-cacheiro, e como os soldados dobrados estavam sempre se levantando e caminhando para outros lugares do campo, Alice logo chegou à conclusão de que era na verdade um jogo muito difícil.

Os participantes jogavam todos ao mesmo tempo, sem esperar pela sua vez, brigando o tempo todo e lutando pelos ouriços-cacheiros. Em pouco tempo, a Rainha estava tomada de uma paixão furiosa, batendo o pé pelo campo e gritando: “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!” a cada minuto.

Alice começou a ficar inquieta. Sem dúvida, ainda não tivera nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que isso poderia acontecer a qualquer minuto, “e então”, pensou, “o que vai ser de mim? Gostam muito de decapitar as pessoas por aqui. O grande mistério é que ainda reste alguém vivo!”

Ela estava olhando ao redor à procura de um meio para escapar, pensando se conseguiria fugir sem ser vista, quando notou uma aparição esquisita no ar. Ficou muito intrigada a princípio, mas depois de observá-la por um ou dois minutos, viu que era um sorriso, e disse para si mesma: “É o Gato de Cheshire. Agora vou ter com quem falar.”

“Como é que está se saindo?”, disse o Gato, assim que já havia bastante boca para poder falar.

Alice esperou que os olhos aparecessem, e então acenou. “Não adianta falar com ele”, pensou, “enquanto as orelhas não aparecerem, ou pelo menos uma delas.” No minuto seguinte apareceu toda a cabeça, e então Alice pôs o seu flamingo no chão e começou a dar um relatório do jogo, sentindo-se muito feliz de ter alguém que a escutasse. Pelo visto, o Gato achou que já havia o suficiente de sua pessoa à vista, e nada mais apareceu.

“Não acho que eles joguem corretamente”, começou Alice num tom bastante queixoso, “e todos brigam tão terrivelmente que não se pode escutar nem a própria voz... e não parecem ter nenhuma regra em particular, pelo menos, se há regras, ninguém as obedece... e você não faz ideia de como é confuso todas as peças serem vivas. Por exemplo, lá está o arco pelo qual tenho que passar, caminhando na outra ponta do campo... e eu devia ter acertado o ouriço-cacheiro da Rainha, só que ele saiu correndo quando viu o meu se aproximando!”

“Está gostando da Rainha?”, disse o Gato em voz baixa.

“Nem um pouco”, disse Alice, “ela é tão terrivelmente...” Nesse momento, Alice notou que a Rainha estava bem atrás dela, escutando, por isso continuou: “...capaz de ganhar a partida que nem vale a pena acabar o jogo.”

A Rainha sorriu e passou adiante.

“Com quem você está falando?”, disse o Rei, aproximando-se de Alice e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

“É um amigo meu... um Gato de Cheshire”, disse Alice. “Permita-me apresentá-lo.”

“Não estou gostando nem um pouco da sua cara”, disse o Rei, “mas, se lhe apraz, pode beijar minha mão.”

“Prefiro não beijar”, observou o Gato.

“Não seja impertinente”, disse o Rei, “e não olhe para mim desse jeito!” Ele se colocou atrás de Alice enquanto falava.

“Um gato pode olhar para um rei”, disse Alice. “Já li isso em algum livro, mas não recordo onde.”

“Bem, ele vai ter que ser retirado”, disse o Rei muito decidido. E ele chamou a Rainha, que estava passando por ali no momento. “Minha querida! Gostaria que mandasse eliminar este gato!”

A Rainha só tinha um modo de resolver todas as dificuldades, pequenas ou grandes. “Cortem a cabeça dele!”, disse sem nem sequer se virar.

“Vou pessoalmente buscar o carrasco”, disse o Rei ansioso, e partiu apressado.

Alice pensou que poderia voltar e ver como é que estava o jogo, pois escutava a voz da Rainha à distância, gritando com paixão. Já a ouvira mandar cortar a cabeça de três dos jogadores, por terem deixado passar a sua vez de jogar, e Alice não estava gostando nem um pouco do andar da carruagem, pois o jogo estava numa tal confusão que ela nunca sabia se era a sua vez de jogar ou não. Por isso, partiu em busca do seu ouriço-cacheiro.

O ouriço-cacheiro estava lutando com outro ouriço-cacheiro, o que pareceu a Alice uma excelente oportunidade para bater um contra o outro. A única dificuldade era que o seu flamingo tinha ido para o outro lado do jardim, onde Alice o podia ver tentando atarantadamente voar para uma árvore.

Quando conseguiu pegar o seu flamingo e trazê-lo de volta, a luta tinha terminado, e os dois ouriços-cacheiros tinham desaparecido. “Mas não importa muito”, pensou Alice, “pois todos os arcos sumiram neste lado do campo.” Por isso, ela enfiou o flamingo embaixo do braço, para que ele não escapasse de novo, e voltou para conversar um pouco mais com seu amigo.

Quando chegou perto do Gato de Cheshire, ficou surpresa de ver uma multidão reunida ao seu redor. Estava havendo uma disputa entre o carrasco, o Rei e a Rainha, que falavam todos ao mesmo tempo, enquanto todo o resto se mantinha em silêncio, com um ar muito desconfortável.

Assim que Alice apareceu, todos os três a chamaram para decidir a questão, e eles lhe repetiram seus argumentos, embora ela achasse muito difícil entender o que diziam, pois todos falavam ao mesmo tempo.

O argumento do carrasco era que não se podia cortar a cabeça de ninguém, se não havia um corpo de onde cortá-la; que ele nunca tivera de fazer uma coisa dessas antes, e que não ia começar a fazer *àquela* altura da vida.

O argumento do Rei era que tudo o que tinha uma cabeça podia ser decapitado, e que não deviam falar tolices.

O argumento da Rainha era que se algo não fosse feito imediatamente, mandaria decapitar todo mundo ao redor. (Foi esse último comentário que tinha dado a todo o grupo um ar tão grave e ansioso.)

Alice não conseguiu pensar em nada mais para dizer a não ser: “Ele pertence à Duquesa. É melhor perguntar a *ela* qual é a sua opinião.”

“Ela está na prisão”, disse a Rainha ao carrasco, “vá buscá-la.” E o carrasco partiu como uma seta.

A cabeça do Gato começou a desaparecer assim que o carrasco se foi, e quando ele voltou com a Duquesa, já tinha sumido de todo. Por isso, o Rei e o carrasco se puseram a correr como loucos de um lado para o outro à procura do Gato, enquanto o resto do grupo voltava ao jogo.

Capítulo IX
A HISTÓRIA DA TARTARUGA FALSA



“Você não pode imaginar como estou contente de vê-la de novo, minha querida!”, disse a Duquesa, enquanto enfiava o braço afetuosamente no de Alice, e as duas saíam caminhando juntas.

Alice ficou muito feliz por encontrá-la bem-humorada, e pensou consigo mesma que talvez fosse apenas a pimenta que a deixara tão selvagem naquele encontro na cozinha.

“Quando eu *for* uma Duquesa”, pensou consigo mesma (embora num tom não muito esperançoso), “não vou ter *nenhuma* pimenta na minha cozinha. A sopa pode dispensar pimenta... Talvez seja a pimenta que deixa as pessoas esquentadas”, continuou, muito

satisfeita por ter descoberto um novo tipo de regra, “e o vinagre que as deixa azedas... e a camomila que as deixa amargas... e os doces e as balas que deixam as crianças dóceis. Só queria que as pessoas soubessem *disso*, pois então não seriam tão mesquinhas com os doces...”

A essa altura, ela tinha esquecido completamente a Duquesa, e ficou um pouco surpresa quando ouviu a sua voz perto do ouvido. “Você está pensando em alguma coisa, minha querida, e por isso se esquece de falar. Não posso lhe dizer imediatamente qual é a moral disso, mas vou me lembrar daqui a pouco.”

“Talvez não tenha uma moral”, Alice se arriscou a observar.

“Ora, ora, criança!”, disse a Duquesa. “Tudo tem uma moral, é apenas uma questão de encontrá-la.” E ela se comprimiu mais para perto de Alice, enquanto falava.

Alice não gostou muito de a Duquesa se chegar assim tão perto dela. Primeiro, porque a Duquesa era *muito* feia. E segundo, porque ela tinha a altura exata para apoiar o queixo no ombro de Alice, e era um queixo incomodamente pontudo. Entretanto, como não gostava de ser rude, Alice suportou a situação da melhor forma possível.

“O jogo está um pouco melhor agora”, disse para não deixar morrer a conversa.

“É verdade”, disse a Duquesa, “e a moral disso é... ‘Oh, é o amor, é o amor que faz o mundo girar!’ ”

“Alguém disse”, sussurrou Alice, “que ele gira porque cada um cuida dos seus interesses!”

“Ah, bem! É mais ou menos a mesma coisa”, disse a Duquesa, enfiando o pequeno queixo pontudo no ombro de Alice, enquanto acrescentava, “e a moral *disso* é... ‘Tome conta do sentido, e os sons tomarão conta de si mesmos’.”

“Como ela gosta de achar moral em tudo!”, pensou Alice consigo mesma.

“Imagino que você está se perguntando por que é que não ponho o braço ao redor da sua cintura”, disse a Duquesa, depois de uma pausa. “A razão é que estou em dúvida sobre o temperamento do seu flamingo. Devo tentar a experiência?”

“Ele pode picar”, respondeu Alice cautelosamente, sem nenhuma vontade de ver a experiência posta em prática.

“É verdade”, disse a Duquesa, “os flamingos e a mostarda são picantes. E a moral disso é... ‘Pássaros da mesma plumagem andam em bando’.”

“Só que mostarda não é um pássaro”, observou Alice.

“Certa, como de costume”, disse a Duquesa. “Como você sabe se expressar com clareza!”

“*Acho* que mostarda é um mineral”, disse Alice.

“Certamente”, disse a Duquesa, que parecia pronta a concordar com tudo o que Alice dizia. “Há uma grande mina de mostarda aqui por perto. E a moral disso é... ‘Quanto mais mina para o meu lado, menos sobra para o seu’.”

“Oh, agora sei!”, exclamou Alice, que não tinha prestado atenção a esse último comentário. “É um vegetal. Não parece vegetal, mas é.”

“Concordo plenamente com você”, disse a Duquesa, “e a moral disso é... ‘Seja o que parece ser’... ou, se você quer que eu fale de forma mais simples... ‘Nunca imagine que você não é senão o que poderia parecer aos outros que o que você foi ou poderia ter sido não era senão o que você tinha sido que lhes teria parecido diferente’.”

“Acho que entenderia isso melhor”, disse Alice muito polidamente, “se o visse por escrito. Não consigo acompanhar muito bem o sentido assim de ouvido.”

“Isso não é nada perto do que eu poderia dizer, se quisesse”, respondeu a Duquesa, num tom satisfeito.

“Por favor, não se dê ao trabalho de dizer nenhuma outra frase ainda mais comprida”, disse Alice.

“Oh, não é trabalho nenhum!”, disse a Duquesa. “Eu lhe dou de presente tudo o que disse até agora.”

“Um presente barato!”, pensou Alice. “Ainda bem que as pessoas não dão presentes de aniversário desse tipo!” Mas ela não se arriscou a falar em voz alta.

“Pensando de novo?”, perguntou a Duquesa, com outra pontada do pequeno queixo agudo.

“Tenho o direito de pensar”, disse Alice rispidamente, pois ela estava começando a ficar um pouco preocupada.

“Tanto quanto os porcos têm o direito de voar”, disse a Duquesa, “e a m...”

Mas nesse momento, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa morreu bem no meio de sua palavra favorita, ‘moral’, e o braço que estava enlaçado no dela começou a tremer. Alice levantou os olhos, e lá estava a Rainha na frente delas, com os braços cruzados, o sobrolho franzido como numa tempestade.

“Um belo dia, Vossa Majestade!”, começou a Duquesa numa voz fraca e baixa.

“Bem, estou lhe avisando”, gritou a Rainha, batendo o pé no chão enquanto falava, “ou você ou a sua cabeça vão ter de sumir, e isso sem demora! Faça a sua escolha!”

A Duquesa fez a sua escolha e desapareceu num piscar de olhos.

“Vamos continuar a jogar”, a Rainha disse para Alice, que estava muito assustada para dizer qualquer coisa, mas lentamente a seguiu de volta ao campo de croqué.

Os outros convidados tinham se aproveitado da ausência da Rainha, e estavam descansando na sombra. Entretanto, assim que a viram, voltaram ligeiro ao jogo, a Rainha simplesmente observando que a demora de um minuto lhes custaria a vida.

Durante todo o jogo, a Rainha nunca parava de brigar com os outros jogadores, gritando “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!” Aqueles a quem ela condenava à morte eram detidos pelos soldados, que tinham de deixar de ser arcos, por isso, depois de mais ou menos meia hora, já não havia arcos à vista, e todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, estavam presos e sob pena de morte.

Então a Rainha parou de jogar, totalmente sem fôlego, e disse para Alice: “Você já viu a Tartaruga Falsa?”

“Não”, disse Alice. “Nem sei o que é uma Tartaruga Falsa.”

“É aquilo de que é feita a Falsa Sopa de Tartaruga”, disse a Rainha.

“Nunca vi, nem ouvi falar”, disse Alice.

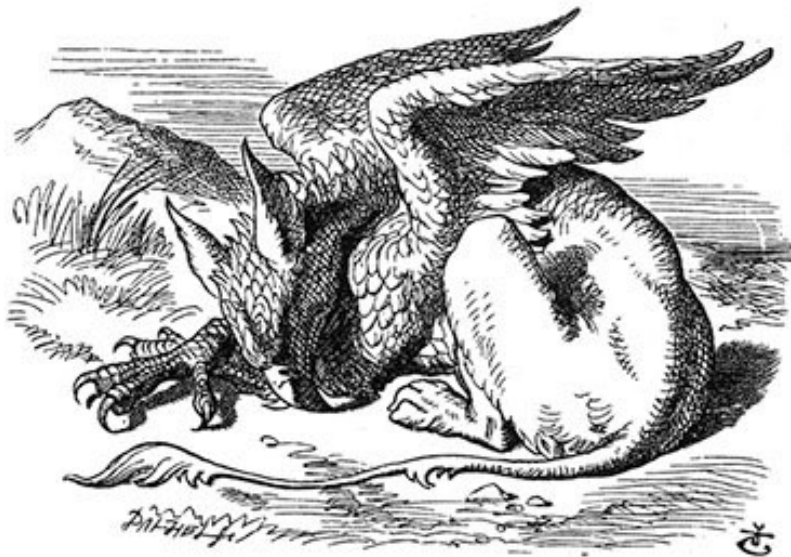
“Vamos então”, disse a Rainha, “e ela vai lhe contar a sua história.”

Enquanto saíam caminhando juntas, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa para o grupo em geral: “Estão todos perdoados.” “Ora, *isso* é uma boa coisa!”, disse para si mesma, pois ficara muito triste com o número de execuções que a Rainha tinha ordenado.

Logo encontraram um Grifo, profundamente adormecido ao sol. (Se vocês não sabem o que é um Grifo, vejam o desenho.) “Levante-se, preguiçoso!”, disse a Rainha, “e leve esta jovem dama para conhecer a Tartaruga Falsa e ouvir a sua história. Tenho de voltar para cuidar de algumas execuções que ordenei.” E ela se afastou, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostou muito da aparência da

criatura, mas afinal achou que não seria menos seguro ficar a seu lado do que acompanhar a selvagem Rainha. Por isso, ela esperou.

O Grifo sentou-se e esfregou os olhos, depois ficou olhando para a Rainha até ela desaparecer de vista. Então deu uma risadinha. “Divertido!”, disse o Grifo, meio para si mesmo, meio para Alice.



“O que é divertido?”, disse Alice.

“Ora, *ela*”, disse o Grifo. “É tudo fantasia dela. Eles nunca executam ninguém, sabe. Vamos!”

“Todo mundo diz ‘vamos!’ por aqui”, pensou Alice, enquanto o seguia lentamente. “Nunca me deram tantas ordens em toda a minha vida, nunca!”

Não tinham andado muito, quando viram a Tartaruga Falsa à distância, sentada triste e solitária numa pequena saliência de rocha, e, quando chegaram mais perto, Alice a ouviu suspirar como se o coração fosse se partir aos pedaços. Sentiu muita pena dela. “Qual é a sua tristeza?”, perguntou ao Grifo. E o Grifo respondeu, mais ou menos com as mesmas palavras de antes: “É tudo fantasia dela, ela não tem nenhuma tristeza. Vamos!”

Assim, eles se aproximaram da Tartaruga Falsa, que olhou para eles com os grandes olhos cheios de lágrimas, mas nada disse.

“Esta jovem dama aqui”, disse o Grifo, “quer conhecer a sua história.”

“Vou lhe contar a minha história”, disse a Tartaruga Falsa num tom grave e abafado. “Sentem-se, vocês dois, e não digam nada enquanto eu não tiver terminado.”

Eles se sentaram, e ninguém falou por alguns minutos. Alice pensou consigo mesma: “Não sei como é que ela vai terminar a história, se não a começa.” Mas esperou pacientemente.

“Antigamente”, disse a Tartaruga Falsa por fim, com um profundo suspiro, “eu era uma Tartaruga verdadeira.”

Essas palavras foram seguidas por um longo silêncio, só quebrado por uma exclamação ocasional de “Hjckrrh!”, do Grifo, e o soluçar pesado e constante da Tartaruga Falsa. Alice estava quase se levantando e dizendo “Obrigada, minha senhora, pela sua história interessante”, mas ela não pôde deixar de pensar que *devia* haver mais alguma coisa, por isso ficou sentada bem quieta e nada disse.

“Quando éramos pequenas”, continuou a Tartaruga Falsa por fim, mais calma, embora ainda soluçasse um pouco de vez em quando, “íamos à escola no mar. A mestra era uma velha Tartaruga... nós a chamávamos de Jabuti...”

“Por que a chamavam assim, se ela não era um Jabuti?”, perguntou Alice.

“Nós a chamávamos de Jabuti, porque ela nos botava algo na cabeça”, disse a Tartaruga Falsa zangada. “Realmente você é muito estúpida!”

“Você devia se envergonhar de fazer uma pergunta tão simples”, acrescentou o Grifo. E os dois ficaram em silêncio e olharam para a pobre Alice, que estava prestes a se enfiar chão adentro. Por fim, o

Grifo disse para a Tartaruga Falsa: “Continue, minha velha! Não leve o dia todo para contar a sua história!” E ela continuou com as seguintes palavras:

“Sim, íamos à escola no mar, embora você talvez não acredite...”

“Nunca falei que não acreditava!”, interrompeu Alice.

“Falou sim”, disse a Tartaruga Falsa.

“Cale-se!”, acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse falar de novo. A Tartaruga Falsa continuou.

“Tivemos a melhor das educações... na verdade, íamos à escola todos os dias...”

“Eu também já frequentei uma escola diária”, disse Alice. “Não precisa se orgulhar tanto disso.”

“Com extras?”, perguntou a Tartaruga Falsa, um pouco ansiosa.

“Sim”, disse Alice, “estudávamos francês e música.”

“E lavagem?”, disse a Tartaruga Falsa.

“Claro que não!”, disse Alice indignada.

“Ah! Então a sua escola não era realmente boa”, disse a Tartaruga Falsa num tom de grande alívio. “Na *nossa*, eles tinham, no final do boletim, ‘francês, música e *lavagem* – extra’.”

“Vocês não deviam precisar muito disso”, disse Alice, “vivendo no fundo do mar.”

“Eu não tinha os meios para fazer esse curso”, disse a Tartaruga Falsa com um suspiro. “Só fiz o curso regular.”

“E qual era o curso regular?”, perguntou Alice.

“Lerdear e Esquivar, para início de conversa”, respondeu a Tartaruga Falsa, “e depois os diferentes ramos da Aritmética – Ambição, Distração, Amiudação e Derrisão.”

“Nunca ouvi falar de ‘Amiudação’”, Alice se arriscou a dizer. “O que é?”

O Grifo levantou as duas patas surpreso. “Nunca ouviu falar de amiudar!”, exclamou. “Você sabe o que significa agrandar, não?”

“Sim”, disse Alice em tom de dúvida. “Significa... tornar... algo... maior.”

“Bem, nesse caso”, continuou o Grifo, “se você não sabe o que é amiudação, você é uma pateta.”

Alice não se sentiu com coragem de fazer mais perguntas, por isso virou-se para a Tartaruga Falsa e disse: “O que mais vocês tinham de aprender?”

“Bem, havia Mistério”, respondeu a Tartaruga Falsa, contando as disciplinas nas suas barbatanas. “...Mistério, antigo e moderno, junto com Oceanografia. Depois Desenrolo... O mestre do Desenrolo era um velho congro que costumava vir uma vez por semana. Ele nos ensinava Desenrolo, Bracejamento e Tontura em Coleios.”

“Como é que era *isso*?”, disse Alice.

“Bem, eu não posso lhe mostrar”, disse a Tartaruga Falsa, “estou dura demais. E o Grifo nunca aprendeu.”

“Não tive tempo”, disse o Grifo. “Mas frequentei o curso clássico. O mestre era um velho caranguejo, muito velho.”

“Nunca fiz esse curso”, disse a Tartaruga Falsa com um suspiro. “Ele ensinava a Latir o riso e a Gretar a mágoa, é o que diziam.”

“Ensinava, sim, ensinava, sim”, disse o Grifo, suspirando por sua vez. E ambas as criaturas esconderam as faces nas patas.

“E quantas horas de aula por dia vocês tinham nesses cursos?”, disse Alice, com pressa de mudar de assunto.

“Dez horas no primeiro dia”, disse a Tartaruga Falsa, “nove no dia seguinte, e assim por diante.”

“Que plano esquisito!”, exclamou Alice.

“É por isso que são chamados de cursos”, observou o Grifo, “porque ficam mais curtos a cada dia.”

Essa era uma ideia completamente nova para Alice, e ela refletiu um pouco antes de fazer o seu próximo comentário. “Então o décimo primeiro dia devia ser um feriado, não?”

“Claro que era”, disse a Tartaruga Falsa.

“E como é que faziam com o décimo segundo?”, continuou Alice curiosa.

“Já chega de falar sobre cursos”, interrompeu o Grifo num tom muito decidido. “Agora conte-lhe sobre os jogos.”

Capítulo X
A QUADRILHA DAS LAGOSTAS



A Tartaruga Falsa suspirou profundamente e passou as costas de uma das barbatanas sobre os olhos. Olhou para Alice e tentou falar, mas, por um ou dois minutos, os soluços lhe embargaram a voz. “Exatamente como se tivesse um osso trancado na garganta”, disse o Grifo, e pôs-se a sacudir a Tartaruga Falsa e a lhe dar socos nas costas. Por fim, a Tartaruga Falsa recobrou a voz e, com lágrimas a correr pelas bochechas, continuou:

“Você talvez não tenha vivido muito tempo no fundo do mar...” (“Certamente que não”, disse Alice) ... “e talvez nunca tenha sido apresentada a uma lagosta...” (Alice começou a dizer: “Certa vez provei...”, mas se conteve a tempo e disse: “Não, nunca”) ... “por isso não pode fazer ideia do encanto que é a Quadrilha das Lagostas!”

“Não faço ideia, realmente”, disse Alice. “Que espécie de dança é essa?”

“Ora”, disse o Grifo, “você primeiro forma uma linha ao longo da praia...”

“Duas linhas!”, gritou a Tartaruga Falsa. “Focas, tartarugas, salmões e assim por diante. Depois de se ter tirado todas as águas-vivas do caminho...”

“O que geralmente leva algum tempo”, interrompeu o Grifo.

“...você avança dois passos...”

“Cada um formando par com uma lagosta!”, gritou o Grifo.

“Claro”, disse a Tartaruga Falsa, “avança dois passos, vira-se para a parceira...”

“...troca de lagosta, e recua na mesma ordem”, continuou o Grifo.

“Então, sabe”, continuou a Tartaruga Falsa, “você atira a...”

“A Lagosta!”, gritou o Grifo, com um salto no ar.

“... o mais longe possível no mar...”

“Nada atrás dela!”, gritou o Grifo.

“Dá um salto mortal no mar!”, bradou a Tartaruga Falsa, fazendo loucas cabriolas.

“Troca de lagosta de novo!”, berrou o Grifo com seu tom mais agudo.

“Volta para a praia de novo, e... essa é a primeira figura”, disse a Tartaruga Falsa, baixando de repente o tom da sua voz. E as duas criaturas, que tinham pulado como loucas durante todo esse tempo, sentaram-se de novo muito tristes e caladas, e olharam para Alice.

“Deve ser uma dança muito bonita”, disse Alice timidamente.

“Você gostaria de ver um pouco da dança?”, disse a Tartaruga Falsa.

“Com muito prazer”, disse Alice.

“Bem, vamos tentar fazer a primeira figura!”, disse a Tartaruga Falsa para o Grifo. “Podemos dançar sem as lagostas, sabe. Qual de nós dois vai cantar?”

“Oh, você canta”, disse o Grifo. “Esqueci a letra.”

Assim começaram a dançar solenemente dando voltas e mais voltas ao redor de Alice, pisando de vez em quando no seu pé quando passavam perto demais, e balançando as patas dianteiras para marcar o compasso, enquanto a Tartaruga Falsa cantava muito lenta e tristemente a seguinte canção:

Disse a branquinha ao caracol: “Vê se apressa esse passo!

Pisam na minha cauda, há um delfim em nosso encalço.”

Lagostas e tartarugas, ansiosas, avançam!

Esperam entre os seixos – você vai entrar na dança?

Não vai, vai, não vai, você vai entrar na dança?

Vai, não vai, vai, você não vai entrar na dança?

“É tão delicioso, você nem pode imaginar,

Quando nos atiram, com as lagostas, para o mar!”

Mas, disse o caracol, “Longe demais!”, sem confiança...

Ficava muito grato, mas não ia entrar na dança.

Não, não podia, não, não ia entrar na dança.

Não, não ia, não, não podia entrar na dança.

“Longe? Mas e daí? ”, respondeu a amiga escamada.

“Você bem sabe que existem praias do outro lado.

Se longe da Inglaterra, muito mais perto da França...

Meu caro, não tenha medo, trate de entrar na dança.

Não vai, vai, não vai, você vai entrar na dança?

Vai, não vai, vai, você não vai entrar na dança?”

“Obrigada, é uma dança muito interessante”, disse Alice, muito contente de que tinha por fim acabado, “e gostei muito dessa canção curiosa sobre a branquinha!”

“Oh, quanto à branquinha”, disse a Tartaruga Falsa, “elas... você já as viu, não é?”

“Sim”, disse Alice, “já as vi muitas vezes no jan...” mas se conteve a tempo.

“Não sei onde fica Jan”, disse a Tartaruga Falsa, “mas, se você já as viu tantas vezes, deve saber como elas são.”

“Acredito que sim”, respondeu Alice pensativa. “Todas têm o rabo na boca... e são cobertas de migalhas de pão.”

“Você está errada sobre as migalhas de pão”, disse a Tartaruga Falsa, “as migalhas saíam todas com a água do mar. Mas elas realmente têm os rabos nas bocas, e a razão é que...” Nesse ponto, a Tartaruga Falsa bocejou e fechou os olhos. “Diga-lhe a razão e tudo mais”, disse ela ao Grifo.

“A razão”, disse o Grifo, “é que elas *quiseram* ir com as lagostas para a dança. E foram atiradas bem longe no mar. E prenderam os rabos bem apertados nas bocas. E não conseguiram desprendê-los de novo. Só isso.”

“Obrigada”, disse Alice, “é muito interessante. Nunca aprendi tanto sobre as branquinhas.”

“Posso lhe dizer muito mais, se quiser”, disse o Grifo. “Sabe por que elas são chamadas de branquinhas?”

“Nunca tinha pensado nisso”, disse Alice. “Por quê?”

“*Elas servem para cuidar das botas e dos sapatos*”, respondeu o Grifo muito solene.

Alice ficou totalmente perplexa. “Cuidar das botas e dos sapatos!”, repetiu num tom admirado.

“Ora, como é que você cuida dos seus sapatos?”, disse o Grifo. “Isto é, o que os torna tão lustrosos?”

Alice olhou para os sapatos, e pensou um pouco antes de dar a resposta. “Acho que são lustrados com graxa pretinha.”

“As botas e os sapatos no fundo do mar”, continuou o Grifo com uma voz grave, “são lustrados com as branquinhas. Agora você sabe.”

“E de que eles são feitos?”, perguntou Alice num tom de grande curiosidade.

“Solhas e sardos, é claro!”, respondeu o Grifo um tanto impaciente. “Qualquer camarão lhe daria essa informação.”

“Se eu fosse a branquinha”, disse Alice, cujos pensamentos ainda estavam acompanhando a canção, “teria dito ao delfim: ‘Para trás, por favor! Não o queremos conosco!’”

“Eles eram obrigados a aceitar o delfim no seu meio”, disse a Tartaruga Falsa. “Nenhum peixe sensato iria a algum lugar sem um delfim.”

“Realmente?”, disse Alice num tom de grande surpresa.

“Claro que não”, disse a Tartaruga Falsa. “Ora, se um peixe viesse falar *comigo* e me dissesse que ia fazer uma viagem, eu diria ‘Com que delfim?’”

“Você quer dizer ‘Com que fim?’”, disse Alice.

“Quero dizer o que digo”, respondeu a Tartaruga Falsa num tom ofendido. E o Grifo acrescentou: “Vamos ouvir algumas das *suas* aventuras.”

“Eu poderia lhes contar as minhas aventuras... a partir de hoje de manhã”, disse Alice um pouco tímida, “mas não adianta voltar atrás para ontem, porque eu era então uma pessoa diferente.”

“Explique o que quer dizer”, disse a Tartaruga Falsa.

“Não, não! As aventuras primeiro”, disse o Grifo num tom impaciente. “Explicações levam um tempo danado.”

Assim Alice começou a lhes contar as suas aventuras desde o momento em que viu pela primeira vez o Coelho Branco. Ela estava um pouco nervosa logo no início, pois as duas criaturas se chegaram muito para perto dela, uma de cada lado, e escancararam os olhos e as bocas, mas foi ganhando coragem enquanto continuava a contar. Seus ouvintes ficaram em silêncio absoluto até ela chegar à parte em que tinha recitado “*Você está velho, Pai William!*”, para a Lagarta, e as palavras saíram todas diferentes. A Tartaruga Falsa deu um longo suspiro e disse: “Isso é muito esquisito!”

“Mais esquisito impossível”, disse o Grifo.

“Saiu tudo diferente!”, repetiu a Tartaruga Falsa pensativa. “Gostaria de ouvi-la recitar alguma coisa agora. Diga-lhe para começar.” Olhou para o Grifo, como se achasse que ele tinha alguma autoridade sobre Alice.

“Levante-se e recite ‘*É a voz do vagabundo*’”, disse o Grifo.



“Como as criaturas me dão ordens e me fazem repetir as lições!”, pensou Alice. “Bem que eu poderia estar logo na escola.” Entretanto, levantou-se e começou a recitar o poema, mas a sua cabeça estava tão cheia da Quadrilha das Lagostas que ela mal sabia o que estava dizendo. E as palavras saíram realmente muito esquisitas:

*“É a voz da Lagosta. Eu a ouvi declarar:
‘Queimada! É com açúcar que vou me empoar.’
O pato com a pena, ela com o nariz,
Põem os pés pra fora, dão aos botões verniz.*

*Sobre areia seca, parece um sabiá,
E se permite do Tubarão desdenhar.
Mas a maré subindo, os tubarões chegando,
Sua voz é um tremido, tímido som brando.”*

“Isso é diferente do que eu costumava recitar quando era criança”, disse o Grifo.

“Bem, eu nunca ouvi esses versos antes”, disse a Tartaruga Falsa, “mas parecem uma grande asneira.”

Alice nada disse. Ela tinha se sentado com a face nas mãos, pensando se alguma coisa iria voltar ao normal.

“Eu gostaria que o poema fosse explicado”, disse a Tartaruga Falsa.

“Ela não sabe explicá-lo”, disse o Grifo apressadamente. “Continue com o próximo verso.”

“Mas, e que me diz dos pés?”, insistiu a Tartaruga Falsa. “Como é que ela podia pôr os pés para fora com o nariz?”

“É a primeira posição na dança”, disse Alice, mas ela estava terrivelmente perplexa com tudo e queria muito mudar de assunto.

“Continue com o próximo verso”, repetiu o Grifo, “começa com *‘Vi pelo canto do olho, ao cruzar o jardim’.*”

Alice não ousou desobedecer, embora tivesse certeza de que sairia tudo errado, e continuou com uma voz trêmula:

*“Vi pelo canto do olho, ao cruzar o jardim,
Pantera e Coruja a dividir um festim.
Crosta, molho, recheio, a Pantera tirava,
Além do prato, à Coruja, nada restava.
Terminando a torta, quase como um favor,
A Coruja em seu bolso a colher enfiou.
A Pantera pegou garfo e faca, rosmando,
E acabou o banquete...”*

“De que adianta repetir todas essas asneiras?”, interrompeu a Tartaruga Falsa, “se você não explica enquanto fala? É de longe a coisa mais confusa que *eu* já escutei!”

“Sim, acho melhor deixar isso de lado”, disse o Grifo, e Alice ficou muito feliz em concordar.

“Vamos tentar outra figura da Quadrilha das Lagostas?”, continuou o Grifo. “Ou você gostaria que a Tartaruga Falsa lhe cantasse outra canção?”

“Oh, uma canção, por favor, se a Tartaruga Falsa fizesse o favor”, respondeu Alice, com tanta ansiedade que o Grifo disse num tom um tanto ofendido: “Hum! Gosto não se discute! Cante *“A Sopa de Tartaruga”*, minha velha”.

A Tartaruga Falsa suspirou profundamente e, numa voz entrecortada por soluços, começou a cantar o seguinte:

“Sopa gostosa, tão verde e fina,

*Na fumegante terrina!
Tudo pela cozinha gostosa!
Sopa da noite, sopa deliciosa!
Sopa da noite, sopa deliciosa!
So – opa Deli – ci – osa!
So – opa Deli – ci – osa!
So – opa da no – o – oite,
Sopa, Sopa deliciosa!*

*“Sopa gostosa! Quem quer pescado
Caça ou um outro bocado?
Quem não daria todo o haver,
Pra só dois dedos de sopa ter?
Pra só dois dedos de sopa ter?
So – opa Deli – ci – osa!
So – opa Deli – ci – osa!
So – opa da no – o – oite,
Sopa, Sopa DELI – CIOSA!”*

“O refrão de novo!”, gritou o Grifo, e a Tartaruga Falsa tinha começado a repeti-lo, quando se escutou à distância o grito de “O julgamento vai começar!”

“Vamos!”, gritou o Grifo, e pegando Alice pela mão saiu correndo, sem esperar pelo fim da canção.

“Que julgamento é este?”, disse Alice ofegante enquanto corria, mas o Grifo apenas respondeu: “Vamos!”. E passou a correr ainda mais rápido, enquanto cada vez mais fracas chegavam até eles, carregadas pela brisa que os seguia, as palavras melancólicas:

*“So – opa da no – o – oite,
Sopa, sopa deliciosa!”*

Capítulo XI
QUEM ROUBOU AS TORTAS?



Quando eles chegaram, o Rei e a Rainha de Copas estavam sentados no trono, com uma grande multidão reunida ao seu redor – todo tipo de passarinhos e animaizinhos, além de todo o baralho de cartas. O Valete estava de pé diante deles, acorrentado, com um soldado de cada lado montando guarda. E perto do Rei estava o Coelho Branco, com uma trombeta numa das mãos e um rolo de pergaminho na outra. Bem no meio da corte de justiça, havia uma mesa com um grande prato de tortas: elas pareciam tão gostosas que Alice ficou com muita fome só de olhar para elas... “Gostaria que terminassem logo o

juízo”, pensou, “e distribuíssem os doces!” Mas não parecia haver chance de isso acontecer, por isso ela começou a olhar para tudo ao redor de si, só para passar o tempo.

Alice nunca tinha estado numa corte de justiça antes, mas já tinha lido a respeito em livros, e ficou bem satisfeita ao descobrir que sabia o nome de quase tudo. “Aquele é o juiz”, disse para si mesma, “por causa da sua grande peruca.”

O juiz, por sinal, era o Rei e, como ele trazia a coroa sobre a peruca (vejam no início do livro, se quiserem saber como é que ele conseguiu fazer isso), não parecia nem um pouco confortável, e o arranjo certamente não lhe ficava bem.

“E ali é a banca do júri”, pensou Alice, “e aquelas doze criaturas”, (ela foi obrigada a dizer “criaturas”, sabem, porque alguns eram animais, outros eram pássaros) “acho que são os jurados.” Ela repetiu essa palavra duas ou três vezes para si mesma, bem orgulhosa, pois achava, e com razão, que muito poucas meninas da sua idade sabiam o significado da palavra. Entretanto, “membros do júri” teria dado no mesmo.

Os doze jurados estavam todos escrevendo muito diligentemente em suas lousas. “O que eles estão fazendo?”, Alice sussurrou ao Grifo. “Não podem ter nada para anotar, pois o julgamento ainda não começou.”

“Estão escrevendo os seus nomes”, sussurrou o Grifo em resposta, “por medo de esquecê-los antes do fim do julgamento.”

“Estúpidos!”, Alice começou indignada em voz alta, mas calou-se apressadamente, pois o Coelho Branco gritou “Silêncio na corte!”, e o Rei pôs os óculos e olhou ansiosamente ao redor para ver quem estava falando.

Alice podia ver, tão bem como se estivesse espiando sobre seus ombros, que todos os jurados estavam escrevendo “Estúpidos!” nas

suas lousas, e ela pôde até observar que um deles não sabia soletrar “estúpido” e teve de pedir ajuda ao seu vizinho. “Que bela mixórdia vão estar as suas lousas antes do fim do julgamento!”, pensou Alice.

Um dos jurados tinha um lápis que rangia. Isso, claro, Alice *não* podia suportar, e ela deu a volta na corte para se colocar atrás desse membro do júri, e logo encontrou uma oportunidade de lhe tirar o lápis. Foi tão rápida que o pobre pequeno jurado (era Bill, o Lagarto) não conseguiu descobrir o que tinha acontecido com o seu lápis. Por isso, depois de procurá-lo por toda parte, foi obrigado a escrever com o dedo no resto do dia, o que pouco adiantava, pois não deixava nenhuma marca sobre a lousa.

“Arauto, leia a acusação!”, disse o Rei.

Ao ouvir essa ordem, o Coelho Branco soprou três vezes a trombeta, depois desenrolou o rolo de pergaminho, e leu o seguinte:

“A Rainha de Copas assou umas tortas,

Num dia de verão.

O Valete de Copas roubou essas tortas

Nelas passou a mão!”

“Considerem o seu veredicto”, disse o Rei para o júri.

“Ainda não, ainda não!”, interrompeu o Coelho apressado. “Ainda há muita coisa antes disso!”

“Chame a primeira testemunha”, disse o Rei, e o Coelho Branco soprou três vezes a trombeta e gritou: “Primeira Testemunha!”

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele entrou com uma xícara de chá numa das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra. “Desculpe, Vossa Majestade”, começou, “por trazer essas coisas comigo, mas ainda não tinha terminado o chá quando fui convocado.”

“Já deveria ter terminado”, disse o Rei. “Quando foi que você começou?”

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o tinha seguido até a corte de braços dados com o Arganaz. “Quatorze de março, *acho* que foi”, disse ele.

“Quinze”, disse a Lebre de Março.

“Dezesseis”, disse o Arganaz.

“Anotem a data”, disse o Rei ao júri, e os jurados anotaram ansiosamente todas as três datas nas suas lousas, e depois as somaram e converteram o resultado em xelins e pence.

“Tire o seu chapéu”, disse o Rei ao Chapeleiro.

“Não é meu”, disse o Chapeleiro.

“*Roubado!*”, exclamou o Rei virando-se para o júri, que logo fez um memorando do fato.

“Eu os tenho para vender”, acrescentou o Chapeleiro como explicação. “Nenhum deles é meu. Sou um chapeleiro.”

Nesse momento, a Rainha pôs os seus óculos e começou a fitar o Chapeleiro, que se tornou pálido e inquieto.

“Preste o seu depoimento”, disse o Rei, “e não fique nervoso, senão vou mandá-lo executar imediatamente.”

Isso não pareceu encorajar a testemunha. Ele continuou a se apoiar num pé e no outro, olhando desassossegado para a Rainha, e na sua confusão arrancou um grande naco da xícara de chá em vez de morder o pão com manteiga.

Bem nesse momento Alice sentiu uma sensação muito curiosa, que a intrigou bastante até descobrir do que se tratava: ela estava começando a crescer de novo. Primeiro, pensou em se levantar e sair da corte, mas pensando duas vezes decidiu ficar onde estava, enquanto houvesse lugar para ela.

“Gostaria que não apertasse tanto”, disse o Arganaz, que estava sentado ao seu lado. “Mal posso respirar.”

“Nada posso fazer”, disse Alice humilde. “Estou crescendo.”

“Você não tem o direito de crescer *aqui*”, disse o Arganaz.

“Não diga tolices”, disse Alice mais ousadamente, “bem sabe que você também está crescendo.”

“Sim, mas eu cresço a um ritmo razoável”, disse o Arganaz, “e não desse modo ridículo.” E ele se levantou muito emburrado e foi para o outro lado da corte.

Durante todo esse tempo, a Rainha não deixara de fitar o Chapeleiro, e bem no momento em que o Arganaz atravessou a corte, ela disse a um dos oficiais da corte: “Traga-me a lista dos cantores no último concerto!” Ao que o desgraçado Chapeleiro tremeu de tal modo que atirou para longe os dois sapatos.

“Preste o seu depoimento”, repetiu o Rei zangado, “senão vou mandá-lo executar, esteja nervoso ou não.”

“Sou um pobre homem, Vossa Majestade”, começou o Chapeleiro com voz trêmula, “e nem tinha começado a tomar o meu chá... há não mais que uma semana, mais ou menos... e o pão com manteiga ficando cada vez mais fino... e o chacoalhar do chá...”

“O chacoalhar *do quê?*”, disse o Rei.

“*Começou* com o chá”, respondeu o Chapeleiro.

“Claro que chacoalhar *começa* com cha!”, disse o Rei rispidamente. “Acha que eu sou imbecil? Continue!”

“Sou um pobre homem”, continuou o Chapeleiro, “e a maioria das coisas chacoalharam depois disso... só que a Lebre de Março disse...”

“Não disse!”, interrompeu a Lebre de Março com grande pressa.

“Disse!”, disse o Chapeleiro.

“Nego!”, disse a Lebre de Março.

“Ela nega”, disse o Rei, “deixem essa parte fora.”

“Bem, de qualquer modo, o Arganaz disse...” continuou o Chapeleiro, olhando ansiosamente ao redor para ver se ele também negaria, mas o Arganaz não negou nada, pois estava profundamente adormecido.

“Depois disso”, continuou o Chapeleiro, “cortei um pedaço de pão com manteiga...”

“Mas o que foi que o Arganaz disse?”, perguntou um dos jurados.

“Não me lembro”, disse o Chapeleiro.

“Você *tem de* se lembrar”, observou o Rei, “senão vou mandá-lo executar.”

O desgraçado Chapeleiro deixou cair a xícara de chá e o pão com manteiga, e curvou-se dobrando um dos joelhos. “Sou um pobre homem, Vossa Majestade”, começou.

“Você é um *orador muito* pobre”, disse o Rei.

Nesse momento, um dos porquinhos-da-índia aplaudiu e foi imediatamente reprimido pelos oficiais da corte. (Como essa é uma palavra bastante dura, vou lhes explicar como é que foram reprimidos. Os oficiais tinham um grande saco de lona, amarrado na boca com cordões. Nesse saco enfiaram o porquinho-da-índia, de cabeça para baixo, e depois sentaram-se sobre o saco.)

“Estou contente de ter visto essa cena”, pensou Alice. “Li tantas vezes no jornal, no final dos julgamentos, ‘Houve tentativas de aplauso, imediatamente reprimidas pelos oficiais da corte,’ e nunca tinha entendido o que isso significava até agora.”

“Se isso é tudo o que você sabe sobre o caso, pode descer do banco das testemunhas”, continuou o Rei.

“Não posso me abaixar mais”, disse o Chapeleiro. “Já estou no chão.”

“Nesse caso, pode se *sentar*”, replicou o Rei.

Nesse momento, o outro porquinho-da-índia aplaudiu e foi reprimido.

“Bem, isso acaba com os porquinhos-da-índia!”, pensou Alice. “A corte vai funcionar melhor agora.”

“Preferia terminar o meu chá”, disse o Chapeleiro, com um olhar ansioso para a Rainha, que lia a lista dos cantores.

“Pode se retirar”, disse o Rei, e o Chapeleiro deixou a corte apressadamente, sem nem sequer esperar para calçar os sapatos.

“...e cortem a cabeça dele lá fora”, acrescentou a Rainha a um dos oficiais, mas o Chapeleiro já tinha sumido, quando o oficial conseguiu chegar até a porta.

“Chame a próxima testemunha!”, disse o Rei.

A próxima testemunha era a cozinheira da Duquesa. Ela trazia a caixa de pimenta numa das mãos, e Alice logo adivinhou quem era, mesmo antes de ela entrar na corte, porque as pessoas perto da porta começaram a espirrar todas ao mesmo tempo.

“Preste o seu depoimento”, disse o Rei.

“Não”, disse a cozinheira.

O Rei olhou ansiosamente para o Coelho Branco, que disse em voz baixa: “Vossa Majestade deve interrogar *esta* testemunha.”

“Bem, se devo, não há outro remédio”, disse o Rei com ar melancólico, e depois de cruzar os braços e franzir as sobrancelhas para a cozinheira até seus olhos quase desaparecerem, disse com voz grave: “De que são feitas as tortas?”

“De pimenta, sobretudo”, disse a cozinheira.

“De melaço”, disse uma voz sonolenta atrás dela.

“Peguem esse Arganaz!”, gritou a Rainha. “Decapitem esse Arganaz! Ponham esse Arganaz para fora da corte! Reprimam o Arganaz! Prendam o Arganaz! Cortem os bigodes dele!”

Por alguns minutos toda a corte se viu numa grande confusão, pondo o Arganaz para fora, e quando todos já tinham se acomodado de novo, a cozinheira tinha desaparecido.

“Não faz mal!”, disse o Rei com ar de grande alívio. “Chame a próxima testemunha.” E acrescentou em voz baixa para a Rainha: “Realmente, querida, você deve interrogar a próxima testemunha. Isso tudo está me dando uma dor de cabeça terrível!”

Alice observou o Coelho Branco remexer na lista de testemunhas, muito curiosa para ver como seria a próxima testemunha, “...pois eles *ainda* não têm muitas provas”, disse para si mesma. Imaginem a sua surpresa, quando o Coelho Branco leu, com toda a força de sua vozinha aguda, o nome “Alice!”

Capítulo XII
O DEPOIMENTO DE ALICE



“**E**stou aqui!”, gritou Alice, esquecendo completamente na comoção do momento o quanto crescera nos últimos minutos, e ela deu um salto e se levantou com tanta pressa que derrubou a banca do júri com a barra da sua saia, fazendo todos os jurados caírem sobre as cabeças da multidão embaixo, e ali eles ficaram estatelados, lembrando-lhe bastante um globo de peixinhos dourados que tinha derrubado por acaso na semana anterior.

“Oh, desculpem-me!”, exclamou num tom de grande consternação, e começou a pegá-los de novo o mais rápido possível, pois o acidente dos peixinhos dourados continuava a passar pela sua

cabeça, e ela tinha uma vaga ideia de que eles deviam ser pegos imediatamente e colocados de volta à banca do júri, senão morreriam.

“O julgamento não pode prosseguir”, disse o Rei numa voz bem grave, “enquanto todos os jurados não estiverem de volta a seus devidos lugares... *todos*”, repetiu com grande ênfase, olhando duro para Alice enquanto falava.

Alice olhou para a banca do júri e viu que, na sua pressa, tinha posto o Lagarto de cabeça para baixo, e o pobre coitado abanava o rabo de maneira melancólica, totalmente incapaz de se mover. Ela tornou a retirá-lo da banca, para recolocá-lo direito. “Não que isso signifique grande coisa”, disse para si mesma. “Acho que ele seria *igualmente* útil para o julgamento tanto de um como de outro jeito.”

Assim que o júri se recuperou um pouco do choque do tombo, e as lousas e lápis foram encontrados e devolvidos aos donos, os jurados se puseram a trabalhar diligentemente para escrever uma narrativa do acidente, todos exceto o Lagarto, que parecia muito derrotado para fazer qualquer outra coisa a não ser ficar sentado de boca aberta, fitando o teto da corte.

“O que você sabe sobre esta questão?”, disse o Rei para Alice.

“Nada”, disse Alice.

“Absolutamente nada?”, persistiu o Rei.

“Absolutamente nada”, disse Alice.

“Isso é muito importante”, disse o Rei, virando-se para o júri. Eles estavam começando a escrever a frase nas suas lousas, quando o Coelho Branco interrompeu: “*Desimportante*, é o que Vossa Majestade quer dizer, é claro”, disse ele num tom muito respeitoso, mas franzindo as sobrancelhas e fazendo caretas enquanto falava.

“*Desimportante*, claro, é o que quis dizer”, disse o Rei apressadamente, e continuou para si mesmo em voz baixa:

“importante... desimportante... desimportante... importante...” como se estivesse tentando descobrir qual das palavras soava melhor.

Alguns dos jurados anotaram “importante”, e outros “desimportante”. Alice pôde observar esse detalhe, pois estava bem perto e podia ver o que havia nas lousas, “mas não importa nem um pouco”, pensou para si mesma.

Nesse momento o Rei, que andara ocupado por algum tempo escrevendo no seu caderno de notas, gritou “Silêncio!” e leu no seu caderno: “Regra Quarenta e Dois. *Todas as pessoas com mais de um quilômetro de altura devem deixar a corte.*”

Todo mundo olhou para Alice.

“Eu não tenho um quilômetro de altura”, disse Alice.

“Tem”, disse o Rei.

“Quase dois quilômetros de altura”, acrescentou a Rainha.

“Bem, não vou sair de jeito nenhum”, disse Alice. “Além do mais, essa não é uma regra regular, você acabou de inventá-la.”

“É a regra mais antiga no livro”, disse o Rei.

“Então devia ser a Número 1”, disse Alice.

O Rei empalideceu e fechou apressadamente o seu caderno de notas. “Considerem o seu veredicto”, disse para o júri com uma voz baixa e trêmula.

“Ainda há mais provas a serem examinadas, Vossa Majestade”, disse o Coelho Branco, levantando-se com grande alvoroço. “Este papel acaba de ser encontrado.”

“O que contém?”, disse a Rainha.

“Ainda não o abri”, disse o Coelho Branco, “mas parece ser uma carta, escrita pelo prisioneiro a... a alguém.”

“Deve ser”, disse o Rei, “a menos que tivesse sido escrita a ninguém, o que não é muito habitual, como sabe.”

“A quem é endereçada?”, disse um dos jurados.

“Não é endereçada a ninguém”, disse o Coelho Branco. “Para falar a verdade, não há nada escrito no *lado de fora*.” Desdobrou o papel enquanto falava, e acrescentou: “Não é uma carta afinal, mas um grupo de versos.”

“A letra é a do prisioneiro?”, perguntou outro jurado.

“Não, não é”, disse o Coelho Branco, “e isso é o mais estranho de tudo.” (O júri parecia perplexo.)

“Ele deve ter imitado a letra de outra pessoa”, disse o Rei. (O júri se iluminou de novo.)

“Se apraz a Vossa Majestade”, disse o Valete, “eu não escrevi os versos, e eles não podem provar que o fiz. Não há nenhuma assinatura no final.”

“Se você não os assinou”, disse o Rei, “isso só piora a situação. Você *devia* ter alguma maldade em vista, senão teria assinado o seu nome como todo homem honesto.”

Houve um aplauso geral a essas palavras. Era a primeira declaração inteligente que o Rei tinha dado naquele dia.

“Isso *prova* a sua culpa, claro”, disse a Rainha, “portanto, cortem a...”

“Não prova coisa nenhuma!”, disse Alice. “Ora, vocês nem sabem do que tratam os versos!”

“Leia-os”, disse o Rei.

O Coelho Branco pôs os óculos. “Onde devo começar, Vossa Majestade?”, perguntou.

“Comece pelo começo”, disse o Rei muito sério, “e continue até chegar ao fim, então pare.”

Fez-se um silêncio mortal na corte, enquanto o Coelho Branco lia em voz alta os seguintes versos:

“Eu soube que você esteve com ela,

*E que a ele de mim falou.
Tem um bom caráter, ouviu-se dela,
Não sabe nadar, ajuntou.*

*Ele mandou dizer que não parti,
(É uma verdade a reter).
Mas se ela fosse detalhes pedir,
Que sucederia a você?*

*Dei um a ela, a ele deram dois,
Bem mais que três você nos deu,
Dele você os recebeu depois,
Mesmo se antes foram meus.*

*Se eu ou ela nesse caso atroz
Estivéssemos implicados,
A você, fazê-los livres como nós,
Ele teria confiado.*

*Cheguei a crer que você tinha sido
(Antes de vê-la com fanico)
Mais um obstáculo que fora erguido
Entre ele e nós e isto.*

*Não, não lhe diga que ela os preferia,
Para sempre vamos guardar
Um segredo que com a maioria
Não poderemos partilhar.”*

“Essa é a prova mais importante que ouvimos até agora”, disse o Rei esfregando as mãos, “por isso, que o júri agora...”

“Se algum deles conseguir explicar esses versos”, disse Alice (ela tinha crescido tanto nos últimos minutos que não teve nenhum receio

de interrompê-lo), “eu lhe darei meio xelim. Acho que não há nenhum átomo de sentido neles.”

Todos os jurados escreveram nas suas lousas, “Ela acha que não há nenhum átomo de sentido neles”, mas nenhum deles tentou explicar os versos.

“Se não há sentido neles”, disse o Rei, “isso nos poupa um mundo de trabalho, sabem, pois assim não precisamos tentar encontrar um sentido. Ainda assim, não sei”, continuou desdobrando o papel com os versos sobre o joelho e examinando-os com um dos olhos, “acho que percebo algum sentido neles afinal. ‘...*não sabe nadar, ajuntou...*’ você não sabe nadar, não é?”, perguntou, virando-se para o Valete.

O Valete sacudiu a cabeça tristemente. “Tenho lá cara de saber nadar?”, disse. (O que certamente *não* tinha, pois era feito inteiramente de papelão.)

“Tudo bem até agora”, disse o Rei, e continuou a murmurar os versos para si mesmo: “‘*É uma verdade a reter*’... pelo júri, claro... ‘*Mas se ela fosse detalhes pedir*’... deve ser a Rainha... ‘*Que sucederia a você?*’... Realmente!... ‘*Dei um a ela, a ele deram dois*’... ora, isso deve ser o que ele fez com as tortas, sabem...”

“Só que continua ‘*Dele você os recebeu depois*’”, disse Alice.

“Ora, pois não estão ali?”, disse o Rei triunfantemente, apontando para as tortas sobre a mesa. “Nada pode ser mais claro que isso. Ainda... ‘*antes de vê-la com fanico*’... você nunca teve fanicos, minha querida, não?”, disse ele para a Rainha.

“Nunca!”, disse a Rainha furiosa, atirando um tinteiro no Lagarto enquanto falava. (O infeliz Bill tinha parado de escrever na sua lousa com um dos dedos, pois via que o dedo não produzia nenhuma marca, mas então recomeçou a rabiscar ansioso, usando a tinta que escorria pelo seu rosto, enquanto não secava.)

“Então as palavras são *fanicos* que não atingem você”, disse o Rei, olhando ao redor da corte com um sorriso. Fez-se um silêncio mortal.

“É um trocadilho!”, acrescentou o Rei zangado, e todo mundo riu. “Que o júri considere o seu veredicto”, disse o Rei pela vigésima vez naquele dia.

“Não, não!”, disse a Rainha. “A sentença primeiro... depois o veredicto.”

“Mas que tolice!”, disse Alice em voz alta. “Que ideia de ter a sentença primeiro!”

“Cale-se!”, disse a Rainha, vermelha de raiva.

“Não me calo!”, disse Alice.

“Cortem a cabeça dela!”, gritou a Rainha com toda a força dos pulmões. Ninguém se moveu.

“Quem se importa com *vocês*?”, disse Alice (ela tinha chegado ao seu tamanho normal a essa altura). “Vocês não passam de um baralho de cartas!”

Quando acabou de dizer essas palavras, todo o baralho se ergueu no ar, e as cartas caíram voando sobre ela. Alice deu um gritinho, meio de medo e meio de raiva, e tentou afastá-las debatendo-se, mas se descobriu deitada na margem do lago, com a cabeça no colo da irmã, que gentilmente afastava umas folhas mortas que tinham caído das árvores e vindo esvoaçar sobre o seu rosto.

“Acorde, Alice querida!”, disse a irmã. “Ora, mas como você dormiu!”

“Oh, eu tive um sonho muito curioso!”, disse Alice. E ela contou à irmã, detalhando ao máximo tudo o que conseguia lembrar, essas estranhas Aventuras que vocês acabaram de ler. E quando terminou, a irmã a beijou e disse: “Foi certamente um sonho curioso, minha querida, mas agora entre correndo para tomar o seu chá. Está ficando

tarde.” Assim Alice se levantou e saiu correndo, pensando, enquanto corria, que o sonho tinha sido realmente maravilhoso.

Mas a irmã continuou sentada depois que Alice a deixou, a cabeça apoiada numa das mãos, contemplando o pôr do sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas Aventuras, até que ela também começou de certa maneira a sonhar, e o seu sonho foi o seguinte.

Primeiro, ela sonhou com a pequena Alice: mais uma vez as mãozinhas se fecharam sobre o seu joelho, e os olhos brilhantes e ansiosos mergulharam nos dela... podia escutar o tom da voz, ver aquele meneio esquisito da cabeça para afastar o cabelo teimoso que sempre *queria* entrar nos olhos... e ainda assim ela escutava, ou parecia escutar, todo o lugar ao seu redor animado com as estranhas criaturas do sonho da irmãzinha.

A grama comprida roçagava a seus pés enquanto o Coelho Branco passava apressado... o Camundongo assustado chapinhava abrindo caminho no lago vizinho... podia ouvir o chacoalhar das xícaras de chá, enquanto a Lebre de Março e seus amigos faziam sua refeição interminável, e a voz aguda da Rainha mandando executar seus infelizes convidados... mais uma vez o bebê-porco espirrava sobre o joelho da Duquesa, enquanto travessas e pratos se espatifavam ao redor... mais uma vez o grito do Grifo, o rangido do lápis do Lagarto na lousa, e o sufocar dos porquinhos-da-índia reprimidos enchiam o ar, misturados com os soluços distantes da desgraçada Tartaruga Falsa.



Continuou sentada, de olhos fechados, e meio que acreditou estar no País das Maravilhas, embora soubesse que bastava abrir os olhos para que tudo se transformasse na realidade monótona... a grama estaria apenas roçando ao vento, e o lago encrespando-se com o balanço dos juncos... as xícaras de chá chocalhantes se transformariam nos sinos tilintantes das ovelhas, e os gritos agudos da Rainha na voz do menino pastor... e os espirros do bebê, o grito do Grifo e todos os outros barulhos esquisitos se tornariam (ela bem o sabia) o clamor confuso do campo em atividade... enquanto o mugido

do gado à distância tomaria o lugar dos fortes soluços da Tartaruga Falsa.

Por fim, ela imaginou que esta mesma irmãzinha seria no futuro uma mulher adulta, que ela conservaria nos anos mais maduros o coração simples e amoroso da sua infância, que ela reuniria ao redor de si outras crianças, fazendo os olhinhos brilharem desejosos de mais uma história estranha, talvez até com o sonho do País das Maravilhas do passado, e que ela se compadeceria de suas tristezas simples e encontraria prazer em todas as suas alegrias simples, lembrando-se da sua própria infância e dos dias felizes de verão.

Fim

Notas

- ¹ O autor alude à característica da palavra inglesa *raven*, corvo, que, invertida, soa como *never*, que significa nunca. (N.T.)

LEWIS CARROLL
(1832-1898)

Lewis Carroll é o pseudônimo com o qual o reverendo Charles Lutwidge Dodgson ficou conhecido no mundo literário. Nascido em 27 de janeiro de 1832 em Daresbury, Cheshire, era o terceiro filho – o primeiro homem – do reverendo Charles Dodgson, que se casou com uma prima. Carroll estudou até os doze anos em casa, continuando seus estudos na Richmond School, em Yorkshire, e posteriormente na Rugby School. Em 1851, matriculou-se na Christ Church, na Universidade de Oxford, onde se formou em matemática. Em 1857, seu talento levou-o a assumir o cargo de professor da disciplina, função que exerceria pelos 26 anos seguintes. Foi ordenado diácono em 1861, mas não prosseguiu os preparativos para se tornar padre devido a uma incurável gagueira, que ele acreditava impedi-lo de seus deveres paroquiais. Em função disso, Carroll sentia-se mais confortável entre crianças do que entre adultos, e durante a vida fez amizade com um grande número de jovens. As mais famosas eram Lorina, Alice e Edith, filhas de Henry Liddell, diácono da Christ Church, para quem ele escreveu as histórias que dariam origem a *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice no País do Espelho* (1872). A esses livros se seguiram, entre outros, o poema épico *nonsense* “The Hunting of the Snark” (1876) e o romance em dois volumes *Sylvie and Bruno* (publicados em 1889 e 1893, respectivamente), que não alcançaram o mesmo sucesso de *Alice*. Além de matemático e lógico, Carroll foi um pioneiro na fotografia, aclamado como o maior fotógrafo de crianças do período vitoriano. Ele morreu em Guildford, no dia 14 de janeiro de 1898, de pneumonia.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Alice's Adventures in Wonderland*
(Este é um texto de domínio público)

Capa: L&PM Editores sobre ilustração de John Tenniel
Revisão: Cláudia Laitano, Renato Deitos e Lolita Beretta
Tradução: Rosaura Eichenberg
Tradução dos poemas: Ísis Alves
Ilustrações: John Tenniel (As ilustrações são de domínio público)

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C313a

Carroll, Lewis, 1832-1898

Alice no país das maravilhas [recurso eletrônico] / Lewis Carroll ; tradução de Rosaura Eichenberg. - Porto Alegre, RS : L&PM, 2010.
recurso digital : il. (Coleção L&PM POCKET; v. 143)

Tradução de: Alice's adventure in wonderland

Formato: ePub

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

ISBN 978-85-254-0030-7 (recurso eletrônico)

1. Literatura infanto-juvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. 3. Ficção fantástica inglesa. I. Eichenberg, Rosaura II. Título. III. Série.

10-6401.

CDD 028.5

CDU 087.5

© da tradução, L&PM Editores, 1998

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225-5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br
FALE CONOSCO: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br